

convergência

OUT — 1973 — ANO VI — N.º 62



1. REFLETINDO SOBRE A VIDA RELIGIOSA

Frei Vital Wilderink, O. Carm. — página 457

2. TEOLOGIA DA ESPERANÇA

Pe. João Batista Libânio, SJ — página 464

3. O CONFRONTO COM A MORTE

Pe. Adriano Backx, CSSR — página 475

4. A MENTALIDADE DOS JOVENS RELIGIOSOS

Pesquisa da CRC — página 486

5. A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA AJUDA OU OBSTÁCULO NA ESCOLHA DA VR?

Pe. José Masson, SJ — página 501

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1973:

Brasil: via terrestre Cr\$ 40,00
 via aérea Cr\$ 45,00
Exterior: US\$ 12,00
Avulso Cr\$ 4,00

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	449
INFORME DA CRB	451
REFLETINDO SOBRE A VIDA RELIGIOSA, Frei Vital Wil- derink, O. Carm.	457
TEOLOGIA DA ESPERANÇA, Pe. João Batista Libânio, SJ	464
O CONFRONTO COM A MOR- TE, Pe. Adriano Backx, CSSR	475
A MENTALIDADE DOS JO- VENS RELIGIOSOS, Pesqui- sa da Conferência dos Re- ligiosos do Canadá	486
A MESSE É GRANDE	498
A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA AJUDA OU OBSTÁCULO NA ESCOLHA DA VIDA RELI- GIOSA, Pe. José Masson, SJ	501
DOCUMENTANDO	508
LIVROS NOVOS	513

Ao repontar o Concílio Vaticano II, demo-nos conta da pobreza de reflexão



EDITORIAL

teológica sobre a vida religiosa. Como em outras áreas da teologia e do agir do cristão, o Concílio deu uma palavra também sobre vida religiosa. Houve quase um sobressalto no meio religioso. De então para cá, foram milhares de estudos, livros e publicações de todos os tipos que abordaram o tema, tentando elucidá-lo e aprofundá-lo. Foi, sem dúvida, um imenso trabalho e que ainda continua. Tenho, porém, a impressão que caímos em outro extremo. Constatada nossa pobreza teológica sobre vida religiosa, buscamos sequiosos os resultados dos estudos. E descobrimos muito. Ficamos sabendo muitas coisas a respeito da fraternidade, votos, carisma, serviço, engajamento, radicalização evangélica, além de uma série de técnicas grupais e de relacionamento humano, das quais também andávamos carentes. Com estas descobertas confiamos que a renovação da vida religiosa e a felicidade de cada religioso se processaria quase automaticamente.

E o que foi que vimos?

Depois deste gigantesco esforço de aprofundamento teológico, as entradas para o noviçado decresceram, as saídas se avolumaram e os problemas internos continuam, apesar das técnicas com que os enfrentamos.

O esforço terá sido em vão?

Em hipótese alguma. O que certamente houve foi um pequeno equívoco. Esperávamos a renovação mediante o volume de conhecimentos e idéias que havíamos recebido. Certamente as idéias e o que recebemos encheram um vazio em nossas vidas, mas não solucionaram o problema de minha resposta evangelicamente radical ao Senhor. Este passo ultrapassa a espera do mero conhecimento. É um dom do Espírito Santo, uma gratuidade do Senhor. E da parte do homem exige-se um movimento sincero de conversão e despojamento.

Ora, creio que neste ponto talvez falhamos. Ou esquecemos de acompanhar os conhecimentos com a conversão sincera e profunda, ou esquecemos que além de todos os conhecimentos e acima deles ou apesar deles, uma vida radicalmente evangélica, como deve ser a vida religiosa, é um dom gratuito do Senhor. Por isso que o desaparecimento da fase "novidadeira" da renovação nos colocou de novo face a face conosco mesmos, diante de Deus.

A grande esperança da vida religiosa não está em fórmulas de saber mais, de novas técnicas de fraternidade. Tudo isso é bom. Mas a vida religiosa terá seu grande futuro, a partir do momento que soubermos unir ao saber, aquilo que é mais radical, nossa conversão e o convencimento profundo da gratui-

dade da presença do Senhor em nossas vidas.

Frei Vital Wilderink nos apresenta neste número de **CONVERGÊNCIA** uma reflexão, que além de questionadora, é cheia de esperança para a vida religiosa. O autor que, além de teólogo, vive inserido na base acompanhando experiências de pequenas comunidades, tem autoridade para falar do assunto.

Pe. João Batista Libânio apresenta o segundo artigo sobre a teologia da esperança. Os leitores vão gostar muito deste trabalho, pelo seu modo concreto de abordar os problemas. Uma reflexão que rejuvenesce nossa esperança.

Pe. Adriano Backx analisa a atitude do sacerdote, religioso ou religiosa, médico ou enfermeira, ou qualquer pessoa que trabalha com doentes, ao se deparar com a morte. Como ajudar o doente a enfrentar a morte? É o fim da esperança ou a realização suprema dela? O autor é muito prático em suas proposições, o que torna o trabalho muito acessível e útil.

Chamamos ainda a atenção para o trabalho do **Pe. José Masson**, sobre os possíveis obstáculos que nossa vida religiosa oferece ao jovem de hoje.

Desejando a todos as bênçãos do Senhor, **Convergência** permanece ao seu dispor.

Frei Constâncio Nogueira, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

ENCONTRO NACIONAL DE PREGADORES DE RETIROS (Itaici, SP, 6, 7, 8, 9 agosto de 1973)

A Conferência dos Religiosos do Brasil, dentro de sua programação religiosa de âmbito nacional, realizou nos dias 6, 7, 8 e 9 de agosto de 1973, um Encontro de Pregadores de Retiros Espirituais, em Itaici, São Paulo. Participaram do Encontro religiosos e religiosas de 18 Ordens e Congregações diferentes provenientes de todas as partes do país e que se dedicam de maneira especial, quase **full-time**, ao apostolado, da pregação. A boa programação e maleável coordenação, o desenvolvimento ágil e dinâmico do grupo, desde a manhã até a reunião de revisão à noite, espaço que abrangia uma gama notável de atividades, impediram que um horário bastante denso fizesse ressentir do cansaço e da fadiga.

PARTICIPANTES

Irmã Madalena Körbes, Divina Providência; Irmã Vera Garabini, Cenáculo; Irmã Yasuya das Chagas Moura, Cenáculo; Irmã Elsa Vianna Wishart, Sociedade do Sagrado Coração de Jesus; Frei Evaristo Parisotto, Capuchinho; Frei Raimundo Schurmann, Franciscano; Pe. Valdemar Beltrame, Redentorista; Pe. Manuel Madruga, Jesuíta; Pe. João Piasentin, Sacramentino; Pe. Eloy

Osvaldo Guella, Jesuíta; Irmã Jeanne Marie Tierny, Ursulina da União Romana; Irmã Carmen Rodrigues, Clarissa Franciscana; Pe. Luís Augusto Adami, Jesuíta; Pe. Faliero Bonci, Claretiano; Frei Geraldo Carlionera, Capuchinho; Irmão Aleixo Maria Autran, Marista; Pe. Otávio Ritter, Clero Diocesano; Frei Capistrano Itgim, Franciscano; Frei Hugo Baggio, Franciscano; Pe. Jerônimo Finckleer, Missionário da Sagrada Família; Pe. Oscar Mueller, Jesuíta; Pe. João Batista Libânio, Jesuíta; Pe. Hipólito Martinez, Agostiniano; Pe. Martinho Roth, Benedictino; Pe. Mário Zuchetto, Estigmatino; Pe. Mário Fulgenzi, Benedictino; Irmã Felicy Braga, Mensageira do Amor Divino; Irmã Vilma Moreira da Silva, Filha de Jesus; Pe. Leo Rothrauff, Benedictino; Pe. Maurilo Sampaio, Jesuíta; Pe. Paulo Lisboa, Jesuíta; Pe. Francisco Rinaldo Romanelli, Jesuíta.

TEMAS

Em nosso tempo, rico de criatividade no campo da renovação da vida religiosa e ansioso de adaptação dos meios e instrumentos que levam a ela, o Encontro prefixou como sua meta a troca e a comunicação de experiências no campo da pregação de retiros e exercí-

cios espirituais e em nível intercongregacional.

Três temas foram apresentados no Encontro de maneira formal: **1.º) DISCERNIMENTO E DELIBERAÇÃO COMUNITÁRIOS**, Pe. João Batista Libânio. **2.º) OS RETIROS E A DIREÇÃO ESPIRITUAL**, Pe. Oscar Mueller. **3.º) A EXPERIÊNCIA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS EM ITAICI**, Pe. Maurilo Sampaio.

1

O DISCERNIMENTO E A DELIBERAÇÃO COMUNITÁRIOS foi um tema desenvolvido para além do esquema e do cunho estritamente inaciano, baseado como está numa fundamentação antropológica mais ampla que acena para a tradição bíblica e eclesial.

Exposto, refletido e discutido, o tema apresentado pelo Pe. J. B. Libânio seguiu este roteiro didático:

1. Uma introdução para iniciação ao vocabulário inaciano, onde se conceituam: eleição, discretio, discernimento, deliberação, discernimento comunitário, deliberação comunitária, parecer, mirar, sentir, julgar.

2. Fundamentos do processo de discernimento. a) Estrutura antropológica. b) Homem espírito-em-matéria, espírito-no-mundo. c) Homem "simul justus et peccator". d) Pistas para reflexão e discussão: na linha existencial, na linha bíblica, na tradição eclesial.

Este item número dois quis mostrar que a fundamentação do processo de discernimento ultrapassa a especificidade de uma família religiosa, qualquer que ela seja, para encontrar no próprio homem a sua razão de ser. É a si-

tuação de todo homem, de todo cristão, de todo religioso. Este reconhecimento desempenha uma função libertadora desfazendo a sensação de estarmos presos a tradições domésticas, seja da humanidade, seja da Bíblia, seja da Igreja.

A condição do homem é viver experiências contraditórias, tensão contínua, ambiguidade profunda. Esta análise é feita a partir da experiência humana. Esta experiência pertence ao homem, em qualquer coordenada de tempo e de espaço, dentro de qualquer visão religiosa ou a-religiosa em que vive. Só num segundo tempo o tema vai focar como a revelação apresenta esta dualidade profunda do homem, mostrando como as categorias pecador-justo, graça-pecado são universais.

3. Contexto em que se faz o discernimento. O discernimento é uma necessidade para nossa vida se queremos viver com lucidez, consciência crítica, não nos iludir facilmente. Discernir é uma exigência de nossa estrutura antropológica. Este processo invade a vida do homem. Em três níveis, entretanto, sua importância é premente: na vida cristã, na vida eclesial, na vida do religioso.

Depois destas três primeiras partes expostas num nível mais universal, mostrando a dimensão antropológica do tema, dentro do contexto da vida cristã, eclesial e religiosa, o tema enfocou como Santo Inácio viveu de modo explícito, a experiência do discernimento, do exame de consciência, da percepção do jogo dos espíritos dentro de si, de modo comunitário nas deliberações com seus irmãos. Inácio viveu e tematizou sua experiência. Foram as partes seguintes do tema:

4. Tematização inaciana.
5. Modelo de discernimento.
6. Conseqüências.

Eis algumas das conseqüências se se introduz o processo de discernimento:

- a) Aumento da consciência crítica.
- b) Maior realismo humano-cristão.
- c) Contínuo processo de purificação e crescimento.
- d) A fuga de extremismos.
- e) A vivência mais consciente do papel do Espírito Santo em nossa vida.
- f) A busca de equilíbrio entre autoridade e obediência.
- g) Maior participação de todos na vida comunitária e maior responsabilidade.
- h) Valorização dos carismas.
- i) Criação de um ambiente mais espiritual, evitando maledicências e focas.
- j) Processo de valorização dos critérios evangélicos nas decisões.

2

O segundo tema: OS RETIROS E A DIREÇÃO ESPIRITUAL, do Pe. Oscar Mueller, proximoamente **Convergência** publicará sua íntegra.

3

Itaici é o centro de retiros espirituais dos Padres Jesuítas. Aí se realizam retiros, exercícios espirituais, encontros, capítulos provinciais, dias de reflexão etc. numa seqüência praticamente ininterrupta. Pe. Maurilo Sampaio, um dos integrantes da Equipe de Itaici, mostrou em seu tema A EXPERIÊNCIA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS EM ITAICI, de maneira orgânica:

- a) Os objetivos, próximo e remoto, deste centro.
- b) A estrutura e a dinâmica de tudo o que se realiza e se vive ali.
- c) A temática que é sugerida a cada pessoa que participa de qualquer tipo

de retiro ou de exercício espiritual no Centro.

CONCLUSÕES

Muitas poderiam ter sido as conclusões. Bem pensadas e refletidas porém, elas se condensam nestas três:

Primeiro. Para que o retiro atinja seus objetivos, recomenda-se seja o número de participantes reduzido (25 a 30) e sejam aplicadas dinâmicas que respeitem a intimidade das pessoas.

Segunda. Ouvidas as exposições das várias dinâmicas, o grupo pronuncia-se favoravelmente às várias experiências, incentivando o trabalho que se vem realizando, porque percebeu a presença da auto-crítica e crescimento, bem como abertura que evita absolutização e nelas, sobretudo, encontra-se bem concretamente presente o mistério cristão.

Terceira. Os presentes orientadores de retiros manifestam à CRB (para os fins que lhe parecerem úteis) que eles julgam válidos retiros intercongregacionais e retiros mistos.

Alheios a qualquer otimismo ufanista e para sermos leais também temos que dizer que o Encontro foi uma experiência grandemente válida, seja para os participantes como indivíduos e por serem os participantes elementos multiplicadores em suas Ordens e Congregações. Na diferenciação dos carismas — 18 Congregações diferentes — na variedade das experiências comunicadas, na vivência do próprio em comum, a partilha nos dias do Encontro representa um dado que pede repetição para o bem da vida religiosa e pede ainda diversificação de locais para sua realização, conforme as regiões do país.

NOTÍCIAS BREVES

PUBLICAÇÕES I. Conforme foi largamente divulgado pela CRB Nacional e Regionais, através de **Convergência**, dos Boletins Regionais, de Circular da Nacional às Regionais e de Circular das Regionais às próprias comunidades locais, o 10.º volume da Coleção Vida Religiosa: A VIDA RELIGIOSA HOJE NA IGREJA, do Padre Tillard, OP, desde fins de agosto está à venda nas sedes das 14 Regionais, na sede Nacional. Não deixe de ler. Vale a pena. Adquira quanto antes o seu exemplar. A renovação da vida religiosa precisa ser aliçada em sólidos fundamentos para que não se satisfaça com arranjos periféricos cujo valor precário se evidencia com facilidade. A VIDA RELIGIOSA HOJE NA IGREJA ajuda a encontrar com extraordinário realismo construtivo e penetração de fé a atualidade e o caráter quase indispensável da vida religiosa para a Igreja e para o mundo hoje.

PUBLICAÇÕES II. A Coleção Vida Religiosa da CRB já alcançou o 10.º volume. Você conhece os nove anteriores? Já os adquiriu para si ou para sua comunidade na sede de sua Regional?

Volume n.º 1: A IX Assembléia Geral da CRB. **N.º 2:** Vida Religiosa e Testemunho Público. Pe. J. B. Libânio. **N.º 3:** Perspectivas Conciliares na Renovação da Escola Cristã, Irmão Eugênio Alberto Fossá. **N.º 4:** Vida Religiosa e Secularização, Frei Leonardo Boff. **N.º 5:** Vida Religiosa e Igreja Local, D. Valde Tepe. Vida Religiosa Expressão e Fé em Jesus Cristo, Pe. Luciano Mendes de Almeida. **N.º 6:** Introdução Teologia da Vocação, Frei Leonardo Boff. **N.º 7:** Vida Religiosa e Consagra-

ção Batismal, Pe. Geraldo Pennock. **N.º 8:** A Esperança Cristã Força no Sofrimento, Pe. Adriano Backx. **N.º 9:** Vida Segundo o Espírito, Documento da CLAR. Não deixe a biblioteca de sua comunidade sem esta coleção. Coloque-a ao alcance de todos.

CAPÍTULO GERAL. Para participar do Capítulo Geral de sua Congregação, viajou para Roma, no dia 20 de agosto, o Padre Faliero Bonci, Provincial dos Padres Claretianos, Província de Belo Horizonte, Minas Gerais e Membro da Diretoria Nacional da CRB, responsável pelo Setor Teologia da Vida Religiosa, Retiros e Pregação.

PRESIDENTE DA CRB NACIONAL VIAJA. Com a finalidade de expor, à viva voz, a situação atual da CRB Nacional em todos os setores de sua atuação, à Sagrada Congregação para os Religiosos, esteve em Roma o Padre Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da CRB, nos dias 21 a 30 de julho. Regressou ao Brasil no dia 31.

FRANCISCANAS DO CORAÇÃO DE MARIA. Desde 15 de agosto de 1973, término do 15.º Capítulo Geral e 1.º Extraordinário da Congregação, as Irmãs Franciscanas do Coração de Maria têm novo Governo Geral: Irmã Ana de Matos Castilho, Superiora Geral. Irmã Armanda Franco Gomes de Camargo, Irmã Clélia Ferreira, Irmã Clementina Correr, Irmã Maria Salete da Eucaristia, Irmã Davina Bernardi, Irmã Terezinha Maria Maestri, primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta Conselheiras Gerais, respectivamente. A

CRB invocando as bênçãos de Deus augura um ótimo governo para o bem da Congregação e da vida religiosa no Brasil.

IRMÃ NILZA JUNQUEIRA, EM LIMA.

Conforme **Convergência** informou, julho/agosto 1973, página 328, a Irmã Nilza Junqueira Reis, RA, Secretária Executiva Adjunta da CRB Nacional, coordenou o Encontro para os Formadores da Vida Religiosa para a América Latina, realizado em Lima de 29 de julho a 8 de setembro de 1973. Dia 10, Irmã Nilza regressava ao Brasil.

... À BÉLGICA. Dia 19 de agosto viajou para Lovaina, Bélgica, a Irmã Jeanne Marie Tierny, do Executivo Nacional da CRB. Foi participar da Semana de Missiologia, cujo tema central é: **O papel da mulher nas missões.** Tomará parte ainda no simpósio "Novos Ministérios na Igreja", promovido pela organização Pro Mundi Vita. O tema se enquadra no interesse da Linha 1 do Plano de Pastoral da CNBB, onde Irmã Jeanne trabalha e representa a CRB-Nacional.

REUNIÃO CONJUNTA. Dia 3 de agosto, a Equipe Nacional de Reflexão Teológica se reuniu com a Diretoria Nacional. Foi uma reunião conjunta e formal

que desenvolveu exatamente a programação do expediente da reunião mensal. O Irmão Aleixo Maria Autran, Marista, expositor do dia apresentou o tema: **Comunidade Religiosa e Missão Apostólica** que fora anteriormente distribuído a todos os participantes em sua primeira redação para exame, aprofundamento como ainda aprimoramento da fundamentação científica, humana e religiosa, filosófica e teológica. Baseados no texto, a Equipe Nacional de Reflexão e a Diretoria Nacional, trabalharam o dia inteiro apresentando suas apreciações, seus questionamentos, suas dúvidas, seus esquemas, seus debates, seus esclarecimentos etc.

PADRE ARRUPE VISITA A CRB. Em visita ao Brasil para presidir o Encontro Nacional dos Provinciais e Superiores Regionais, reunidos no Rio de Janeiro, o Superior Geral dos Padres Jesuítas, Padre Pedro Arrupe incluiu em sua já densa agenda de trabalhos, uma visita à sede Nacional da CRB numa demonstração incontestável de apreço pela atuação que a CRB exerce na promoção, animação e coordenação da vida religiosa em âmbito de Brasil. Numa feliz coincidência, Padre Arrupe encontrou reunidos conjuntamente a Equipe Nacional de Reflexão Teológica e a Diretoria Nacional que o acolheram com satisfação.

ASSEMBLÉIA ANUAL DA CRB-RIO DE JANEIRO

Na Casa de Retiros Anchieta, dos Padres Jesuítas, Gávea, Rio de Janeiro, os Superiores Maiores (ou seus Representantes) dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara reuniram-se para a Assembléia Anual da CRB-Regional, nos

dias 20, 21, 22 e 23 de agosto. Presentes por parte da CRB-Nacional, a Irmã Helena Ferreira, da Diretoria Nacional e Responsável pelo Setor Reflexão na área da Educação e Frei Constâncio Nogara, Secretário Executivo Nacional.

PARTICIPANTES. Estavam presentes à Assembléia 69 religiosos e religiosas, além dos dois representantes da CRB-Nacional e da Diretoria e Executivo Regionais, representando 33 Ordens e Congregações. Não causou surpresa, mas real estímulo, a rápida visita e as palavras do Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales aos participantes da Assembléia, numa demonstração de apreço aos religiosos de sua Arquidiocese e à mesma vida religiosa.

A PREPARAÇÃO

A Diretoria e o Executivo Regionais solicitaram com insistência e antecipação, de todas as comunidades da Regional, o estudo pessoal, comunitário, congregacional e intercongregacional, do Documento **Vida Segundo o Espírito**, enviando um roteiro para a leitura e a reflexão como ainda um questionário para ser respondido e suas respostas justificadas. Oitenta e duas comunidades de 70 congregações e ordens enviaram suas contribuições.

Estas eram as perguntas do questionário:

1. Quais as expressões concretas da "consagração-reserva" e da "consagração-missão" da vida religiosa?

2. Quais as expressões concretas da missão?

3. Estas expressões concretas da missão são significativas para nós, na nossa situação histórica?

4. Estas expressões concretas são significativas para os homens entre os quais vivemos?

5. O ambiente de sua vida e de sua comunidade favorecem a realização de uma vida de oração como elemento essencial do projeto fundamental?

6. Que dificuldade encontra em sua comunidade para a realização de uma fraternidade religiosa?

7. Que dificuldade encontra em sua comunidade para realizar uma fraternidade eclesial e humana?

8. Você entende a ascese como uma renúncia, uma integração ou nega seu valor?

9. Como deve se expressar hoje a ascese?

TEMAS E EXPOSITORES

DIA 20: **à tarde:** chegada, confraternização e abertura. DIA 23: **pela manhã:** Encerramento.

DIA 21, **pela manhã:** Apresentação e comentário do trabalho realizado pelas comunidades em preparação à Assembléia, coordenação do Pe. Álvaro Barreiros, S.J. E o tema: Expressões de vida religiosa, exposto e coordenado em plenário pelo Pe. Karl Joseph Romer, depois de estudado em grupos. **À tarde:** A oração e o projeto fundamental da existência.

DIA 22: **pela manhã:** Vida em fraternidade, exposto e coordenado pelo Pe. J. B. Libânio, S. J. em plenário, depois de estudado em grupos sempre a partir do trabalho já realizado pelas comunidades anteriormente. **À tarde:** Ascese em um mundo de consumo e pobreza.

Ainda bem recentemente, nos anos de preparação para os "capítulos especiais", falava-se com relativa facilidade e riqueza de idéias sobre a Vida Religiosa. Atualmente, porém, pelo menos na "base", existe a esse respeito uma atitude de reserva. Será descrença? Indiferença? Em parte, creio que sim.

REFLETINDO SOBRE A VIDA RELIGIOSA

FREI VITAL WILDERINK, O. Carm.

Mas descubro também uma mistura de incerteza, discrição e expectativa. Parece que as idéias sobre Vida Religiosa, recebidas pela cabeça, já não estão mais aí. Foram entrando pelo corpo, pelo chão da vida, e ficou difícil localizá-las. Já não conseguimos nem queremos transformá-las em simples idéias. Enquanto o lavrador tem as sementes na palma da mão, pode contemplá-las com olhar crítico. Mas uma vez lançadas à terra, elas desaparecem e se transformam por sua própria força. É para o lavrador a época da expectativa, da incerteza. Esperar o desabrochar, a floração, os frutos.

Talvez isso esteja acontecendo em relação à Vida Religiosa e nos falte a capacidade de discernir.

Na impossibilidade de acompanhar no chão da vida o processo de transformação das idéias passou-se a falar de **novas formas** de Vida Religiosa. E a atenção concentrou-se, mais especialmente, na experiência das pequenas comunidades. O movimento nos parece válido e mesmo privilegiado porque possibilita uma explicitação de critérios com que concretizar e avaliar a renovação. É justamente sobre esses critérios de renovação que gostaríamos de refletir aqui. Isso sem pretensão.

Trata-se de um ponto de partida, de uma indicação de pistas.

Crise antropológica

Primeiramente, é bom lembrar que a crise da Vida Religiosa não é um fenômeno isolado. Ela faz parte de uma crise mais geral que atinge não só a Igreja, mas toda a sociedade humana, e aponta, em última análise, para uma crise cultural e antropológica mais profunda. O que existe hoje no mundo é uma crise dos valores humanos, uma busca do sentido da existência humana. Uma renovação da Vida Religiosa que não leve em consideração essa infra-estrutura antropológica será superficial e tornará a própria crise mais aguda, pois, afinal, a Vida Religiosa é uma profissão de fé no sentido da vida humana.

Renovar a Vida Religiosa é muito mais que adaptar estruturas e reformular constituições. Isso tentou-se fazer nos últimos anos e, no entanto, o mal-estar continua. As modificações não parecem estar atingindo o resultado desejado e não se pode dizer que, por causa delas, o mundo esteja acreditando mais na Vida Religiosa. Muitos religiosos têm feito uma nova opção de vida e partido para outros caminhos. E os que ficam nem sempre têm sido capazes de uma re-opção.

Será simplesmente falta de fé?

Em parte, talvez. Mas não devemos esquecer que a fé é do homem concreto. E, quando as paredes da casa, depois de consertadas, continuam a rachar, é bom verificar se a falha não está nos alicerces. É

preciso, depois das modificações realizadas, ir ao fundo da crise, ao coração do homem concreto de hoje.

Que nova significação está ele procurando para sua vida?

A renovação da Vida Religiosa só possibilitará uma nova significação da opção que já fizemos se for uma resposta para o homem de hoje. Ela só pode fazer-se em profundidade, visto tratar-se do sentido da existência humana. Isso leva a crer que não pode fazer-se simplesmente a partir do passado. Um tal critério faria a Vida Religiosa passar de crise em crise, prisioneira de um ideal perdido.

A revolução antropológica que se faz sentir violentamente na atual crise da Vida Religiosa proporciona a esta uma oportunidade de libertação do acidental e secundário pela oportunidade de volta às fontes. Não apenas às origens da Vida Religiosa institucionalizada deste ou daquele modo, mas às origens do fenômeno religioso, às origens do homem. Volta às fontes é volta às origens do Homem, presentes e vivas no homem concreto de hoje. Por isso, das questões periféricas (hábito, práticas, ambiente, casa etc.), estamos descendo a um nível mais profundo. A diminuição de questionários e documentos sobre Vida Religiosa pode ser assim interpretada em sentido positivo.

Vida Religiosa: interrogação fundamental

A vida humana é feita de perguntas e respostas. É isso que lhe confere seu caráter dinâmico. Mas

nem todas as perguntas têm o mesmo alcance e o mesmo valor. Há perguntas que desaparecem quando recebem a resposta. São as perguntas secundárias, que fazem o tecido da vida de cada dia. Há, porém, outras com uma tal radicalidade, que sobrevivem nas respostas que lhes são dadas. A pergunta essencial não se esgota na resposta; esta deixa a pergunta intacta e faz descobrir nela dimensões não previstas. A pergunta essencial surge quando o homem se confronta com seu próprio mistério.

Quem sou eu?

O que é meu futuro e o futuro dos que se relacionam comigo?

A pergunta essencial se faz no centro do homem, no seu "coração", no nível em que se situa a verdade do homem. A pergunta essencial ressoa na vida concreta do homem, nas perguntas e respostas secundárias, mas fica sempre mais além. Ela confere à existência humana uma radicalidade anterior a qualquer explicitação de fé, a qualquer profissão religiosa. Ela define e identifica o homem realmente homem. Sem ela, faltaria a uma vida humana sua verdadeira dimensão.

A Vida Religiosa tem essa radicalidade porque supõe uma pergunta de ordem essencial. Radicalidade que é anterior aos votos e não se esgota em nenhuma expressão. Radicalidade que define e identifica este homem, esta mulher, em sua verdade mais aguda, e os faz escolher uma forma de vida que explicita a pergunta essencial de modo original e pessoal, intransferível. A

"institucionalização" da Vida Religiosa acarretou graves problemas com que nos defrontamos nesta hora de renovação, permitindo engagements sem a prévia confrontação do homem com seu próprio mistério. Mas a crise antropológica que vivemos, trazendo-nos de volta às fontes, obriga-nos a perguntar em profundidade.

A renovação da Vida Religiosa deve ser uma resposta à interrogação fundamental no sentido de descobrir-lhe melhor as profundas dimensões. E isso faz dela, primeiramente, uma **renovação de vida dos religiosos**: se a pergunta essencial ressoa na vida concreta dos religiosos.

Poderíamos nos perguntar se a renovação realizada durante os últimos anos não se fez muitas vezes em termos de perguntas secundárias. É evidente que a pergunta essencial não existe sem as perguntas e respostas secundárias. É nestas que ela se traduz em história de afirmação ou negação. Acontece que os religiosos, especialmente os superiores, vêm-se constantemente confrontados com inúmeros problemas e situações daí decorrentes. Existe o perigo de interpretar as perguntas secundárias em função delas mesmas, de deixar-se envolver por elas de tal maneira, que a pergunta essencial não chegue mais a emergir.

Existe o problema da oração: a comunidade deixou de rezar. Procura-se então criar uma nova estrutura de oração para que o grupo se sinta motivado. Ora, as possibilidades de modificar as estruturas da

oração são relativamente limitadas. E se a "novidade" da oração não brotar de um nível mais profundo, as modificações já não serão mais uma resposta.

Outro exemplo: é normal que dentro do grupo surjam problemas de relacionamento. Com razão recorre-se então a psicólogos e sociólogos para solução dos problemas e melhoramento do trabalho em equipe. Mas, se o espírito comunitário não atinge o nível profundo do homem, a vida em grupo seguirá o caminho das aspirações que não desembocam na esperança. O pequeno grupo se torna facilmente mito — quando o necessário aprofundamento não se faz sem quebrar os ídolos.

Vida Religiosa: problema de interpretação

Quem responde a um pergunta faz o papel de intérprete. Isto se torna claro quando observamos o movimento da renovação da Vida Religiosa nos últimos dez anos. Cada Instituto debruçou-se sobre documentos e realidades para descobrir a pergunta que lhe era feita em termos de Vida Religiosa. As reformulações das Constituições, as modificações das estruturas, a permissão de novas formas são uma tentativa de captar e de interpretar a pergunta que é feita. Trabalho árduo, que provocou muitas tensões, desânimo e desistências.

A Vida Religiosa é uma mensagem, um mistério de fé. O religioso é um intérprete que traduz a linguagem de Deus para a linguagem dos homens. Trata-se de trans-

As perguntas secundárias devem encontrar resposta. Mas elas existem para criar um espaço vital para a interrogação fundamental. E esse pode ser um critério para avaliar as novas formas de Vida Religiosa. Será que todos os religiosos que deixaram as instituições tiveram reais condições de viver a pergunta fundamental da Vida Religiosa? É uma interrogação não só para aqueles que saíram, mas também para aqueles que ficaram. Se a Vida Religiosa é uma resposta, ela só poderá ser dada na medida em que ressoa existencialmente como pergunta.

mitir a mensagem de tal maneira, que ela tenha sentido para o outro que escuta e que tenha aquele sentido que o autor da mensagem quis dar a sua palavra. Isso exige do intérprete uma fidelidade à palavra na sua novidade e originalidade. Fidelidade constante ao objetivo da Palavra significa muitas vezes renúncia às preferências de pessoas e de grupos.

Pode haver também uma interpretação da Palavra em função do mundo de hoje que seja traição à novidade e à originalidade da mensagem. Facilmente fazemos funcionar uma estrutura de interpretação que temos em nossa cabeça e que fecha a mensagem em atitudes, medidas e comportamentos. A mensagem de Deus é sempre um apelo

à conversão, à mudança de mentalidade. Ela é uma interpelação.

A flexibilidade interior do intérprete não é apenas uma exigência funcional. O religioso, como intérprete, é ao mesmo tempo interlocutor que escuta a Palavra. A sua própria vida está implicada no processo de interpretação. A vida e a pessoa do religioso são os primeiros destinatários da mensagem e os instrumentos da revelação de seu sentido. O religioso é intérprete na medida em que a mensagem brota de seu íntimo, de seu "espírito", para concretizar-se em gestos. A renovação do próprio conceito de espiritualidade, que deve ser algo profundamente encarnado.

O movimento da renovação da Vida Religiosa é uma tentativa de interpretação. Será que estamos acertando nessa interpretação? Será que estamos colocando o eixo da interpretação no ponto certo? Quando o eixo está fora de lugar, o carro não anda, ou anda muito mal. Não está havendo muitas vezes um deslocamento do eixo da interpretação da Vida Religiosa em pessoas, comunidades, congregações? Por exemplo, freqüentemente ouve-se a pergunta: haverá possibilidade de Vida Religiosa dentro de nossa Congregação? Aqui pode haver um deslocamento do eixo de interpretação. Uma justa preocupação poderia formular-se de outra maneira: há possibilidade de nossa Congregação fomentar a Vida Religiosa? A distinção pode parecer forçada ou sutil, mas a acentuação é importante.

Uma renovação não se faz em função daquilo que já existe em ter-

mos de estrutura, em função do que está dentro. Trata-se de criar um espaço, uma clareira onde a Palavra possa ser captada na sua novidade, interpretada na sua exigência. Uma renovação se faz em função dos que estão fora. E a originalidade da Palavra está em que sempre nos leva a descobrir que todos nós estamos "por fora". Se não descobrimos isso, a Palavra não está sendo devidamente interpretada. E então não pode haver renovação. Não pode haver futuro para a Vida Religiosa.

O futuro da Vida Religiosa

Existe ou não futuro para a Vida Religiosa? Explicitada ou não, a interrogação repercute na vivência das pessoas e dos grupos — pois trata-se de uma pergunta fundamental, equivalente a esta: qual a significação da Vida Religiosa?

A Vida Religiosa tem futuro?

E que é que se procura saber quando se formula essa interrogação?

Qual o conteúdo dela?

Para onde se volta a atenção quando a pergunta é formulada?

Sobrevivência dos Institutos?

Consagração a Deus?

Votos?

Validade de uma nova forma?

Continuidade de um estilo de vida dentro da Igreja?

Testemunho?

Serviço?

Obras?

Cada um desses aspectos já foi e continua sendo objeto de estudos e reflexões. E com razão. No entanto, sempre aparecem senões quando se procura delinear o futuro da Vida Religiosa a partir desses ou de outros aspectos. O batizado já não é consagrado a Deus? Em que se baseia a exigência de perpetuar um determinado estilo de vida dentro da Igreja? A preocupação com o testemunho da Vida Religiosa não é muitas vezes inversamente proporcional à ausência dele? O serviço à humanidade não é precisamente um dos pontos que leva muitos a questionarem a sua vida religiosa?

A angústia que essas perguntas provocam depende talvez de uma falta de clareza.

O futuro não é algo abstrato. Ele não é feito de idéias nem de meras suposições. Está sempre ligado a alguém ou a alguma coisa. Não é falando sobre ele que ele se define. Futuro diz respeito a eventuais possibilidades de existência, deve ser concretizado. Não basta falar sobre o futuro da Vida Religiosa em termos gerais, trata-se de saber se determinados valores reais têm possibilidade de continuar a

existir. Quem fala de valores, fala de pessoas para quem os valores existem como um apelo a uma atitude de vida, a uma opção. Interrogação sobre o futuro da Vida Religiosa é interrogação sobre pessoas. Sem as pessoas, a pergunta nem pode ser formulada.

Da tomada de posição de pessoas e grupos frente a possibilidades existenciais é que vai depender a resposta: se existe ou não futuro para a Vida Religiosa. A vivência concreta de "religiosos" amanhã é o futuro da Vida Religiosa.

Não queremos ser mal interpretados se afirmamos que a Vida Religiosa não existe para Deus, para a Igreja ou para o mundo, mas em primeiro lugar para as pessoas que a ela se sentem atraídas, que querem vivê-la porque acreditam nela e conseguem buscar e realizar nela o sentido da vida. A Vida Religiosa terá futuro na medida em que, superada a atual crise cultural e antropológica e qualquer outra crise que possa sobrevir, surgirem homens e mulheres capazes de responder à pergunta essencial sobre sua própria existência por uma "vida religiosa".

Vida Religiosa: experiência do gratuito

Que estará na base dessa **Vida Religiosa**? Precisamente o gratuito. Para além da liberdade, só existe o gratuito, a graça, o amor, a experiência de Deus. Na base da Vida Religiosa está uma experiência da gratuidade de Deus. Trata-se de uma

vocação que brota do íntimo da pessoa, que por isso mesmo tem sentido para a pessoa e a liberta, que quanto mais profundamente vivida menos necessidade tem de justificar-se.

A experiência de gratuidade de Deus é uma constante na história da humanidade e sempre deu sentido a qualquer Vida Religiosa genuína. Ela pode ser um dos critérios de continuidade da Vida Religiosa, mas isso não significa que devemos fechar o novo dentro do antigo. Isso acontece muitas vezes e provoca um mal-estar nos religiosos: começa a faltar-lhes o espaço em que possam respirar e experimentar a gratuidade de Deus como o sentido de sua vida.

As novas formas de Vida Religiosa devem criar condições para isso. Devem criar condições para colocar o eixo de interpretação da Palavra no lugar certo.

De novo patenteia-se a necessidade de uma tomada de consciência da interrogação fundamental.

Para isto é necessário que formulemos perguntas secundárias. Mas se nestas não ressoar a pergunta essencial, não vamos saber como ligar o antigo ao novo, pelo simples fato de então não haver mais motivo para ligar. Haverá euforia momentânea, haverá denúncias e acusações, haverá isolamento, haverá racionalização da Vida Religiosa, haverá absolutização das coisas relativas. Não haverá mais experiência da gratuidade de Deus. Para manter uma opção, para criar um projeto permanente de vida, é necessário ligá-los constantemente à Palavra (dom — graça) que os fez nascer.

Trata-se de reconstruir o homem de dentro para fora (Paulo VI). Trata-se de reconstruir a Vida Religiosa a partir de homens concretos e de experiências concretas. Aceitar a gratuidade de Deus como o sentido de sua vida talvez ajude o homem moderno a encontrar significação para a existência.

Na visão tradicional

A esperança tinha seu lugar dentro do grande edifício da teologia. Bem modesto, mas real. Encontrava-se entre as virtudes teologais, como a segunda delas. Eram essas estudadas em relação com a graça, o grande tratado teológico, que recebera na Escolástica ampla elaboração com ajuda das categorias filosóficas aristotélicas. A amplitude do tratado da graça, repleto de difíceis questões relativas sobretudo ao problema do jogo da liberdade humana e da ação divina, absorvia de tal maneira o estudo do teólogo, que pouco lhe sobrava de tempo e fôlego para analisar as virtudes teologais. Elas apareciam como efeito da graça da justificação. São infundidas como princípios próximos das operações sobrenaturais. Assim como a alma tem potências naturais, assim a alma justificada tem virtudes, princípios de ação.

No estudo das virtudes teologais, a fé ocupava de tal modo o horizonte da reflexão teológica, que pouco ficava para esperança, a não ser pequenas modificações próprias dela no grande esquema da virtude da fé. A estrutura era a mesma, somente que havia certos elementos próprios assaz secundários. O tratado da Esperança era um apêndice do estudo sobre a fé. O estudo das virtudes, por sua vez, era um corolário do grande tratado da graça. Este, juntamente com os tratados de Deus Uno e Trino e do Verbo Encarnado faziam o arcabouço do edifício teológico na visão tradicional [1].

PE. J. B. LIBÂNIO, SJ

TEOLOGIA

Tendo como pano de fundo a problemática da graça, a esperança se definia como "desejo fiducial da felicidade eterna". É um movimento subjetivo da vontade que aspira a um bem ainda não possuído, mas possível de ser possuído, ainda que difícil, árduo. Nisto a esperança se distingue:

do mero desejo, cujo bem não é ser temido;

do gáudio, cujo objeto é um bem presente e não futuro;

«Esperar contra toda Esperança», em *Convergência*, nº 61 setembro 1973, foi o artigo nº I

aventurança eterna. Espera-se o fim e com ele os meios para alcançá-lo.

O solo da esperança é a incapacidade do homem diante da posse da felicidade eterna. Por isso, o motivo da esperança só pode ser a bondade de Deus, enquanto é nosso prêmio, recompensa e enquanto promete ajudar-nos na sua consecução. A esperança é um ato de desejo, de amor de concupiscência, de confiança. Desperta-nos o ânimo para confiar em Deus.

DA ESPERANÇA - II

do mero desejo, cujo bem não é seriamente buscado;

do desespero, cujo bem é impossível [2].

A esperança se entende primariamente voltada para a bem-aventurança eterna. Esse é o objeto adequado do desejo fiducial. Tal objeto supera todas as forças da natureza humana. O homem possui uma incapacidade física diante de tal bem. Por isso, sua esperança se dirige também em relação aos auxílios divinos para obter a bem-

A esperança é, portanto, uma virtude sobrenatural. Sendo o homem incapaz diante da consecução da felicidade eterna, só pode fazê-lo pela força da graça livre e generosa de Deus. Ao homem, cabe o campo da liberdade de aceitar ou não a oferta de Deus dos meios para obter a vida eterna. A esperança se apóia na fé, que por sua vez é livre e obscura. A esperança participa, pois, da liberdade e obscuridade da própria fé.

A esperança participa da racionalidade do agir humano. Esperar

em Deus é um ato profundamente coerente com nossa natureza racional. Pela sua razão o homem pode chegar a perceber-se pequeno, incapaz diante da grandeza do dom de Deus. Percebe que não pode manipular, dominar, exigir algo de Deus. Só lhe cabe a atitude humilde de esperar, de confiar. No esperar existe, entretanto, algo que supera a própria racionalidade pura, no sentido de que não se explica pela evidência de raciocínios, e sim, coloca-se na linha do risco, da entrega.

Mas na raiz de toda esperança está a força auxiliadora de Deus. Nada tão firme como Deus. Rochedo inabalável. A esperança participa, na sua obscuridade, da firmeza inquebrantável de Deus. É o paradoxo da esperança. Firmíssima no seu motivo, obscura na sua percepção de evidência, pois se defronta com o mistério de Deus.

A visão tradicional soube analisar com penetração a realidade do ato de esperança, sobretudo no seu aspecto entitativo. Faltou-lhe, todavia, localizar o ato da esperança no contexto histórico-sócio-político do homem. Foi necessário que se operasse dentro da teologia a viragem antropológica para que elementos mais ricos da esperança viessem à luz.

Viragem antropológica

Esperar é um ato do homem, imerso no seu contexto histórico. O homem moderno voltou-se sobre si. O teocentrismo unitário da teologia se desfez, surgindo no seu lugar uma série enorme de centros,

em torno dos quais gravita o pensar teológico. Um desses centros é o homem. A teologia se faz antropologia, na medida em que o homem, entendido na sua profundidade, apela para explicações que só a revelação pode fornecer. O homem moderno deve, como escreve o poeta, depois de tentar tantos mundos diferentes do seu, voltar-se a si mesmo [3]. Estão diante do homem todos os sistemas planetários atraindo-o, mas

**“Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima e dancerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimdo
em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de conviver”.**

(Carlos Drumond de Andrade: O homem, As viagens,
Correio da Manhã, 1969).

Esta viragem antropocêntrica vai revelar-nos perspectivas que enriquecerão as reflexões sobre a teologia da esperança, a fim de situá-la num horizonte mais amplo.

Fundamentos antropológicos

A esperança não é simplesmente uma atitude de coragem nascida das circunstâncias atuais difíceis, questionadoras, ameaçadoras. Funda-se na própria estrutura ôntica do homem, ainda que a viverá sempre dentro das coordenadas de tempo e espaço bem definidas. Há uma relação entre o circunstancial e o estrutural. Mas o circunstancial não cria o estrutural, ainda que este não pode existir senão em circunstancialidade concreta. Esperar é próprio do homem enquanto ele é consciência, liberdade, temporalidade, historicidade, relação com os outros, comunhão cósmica e humana.

A unidade vivente do homem funda-se na mútua imanência de todas essas realidades. Como consciência, o homem é auto-presença de si mesmo a si mesmo, vivida em todo ato de pensar, de decidir, de agir. Ele se faz presente a si mesmo na sua própria luz. Não necessita de algo de fora que o faça consciente e o revele a ele mesmo [4]. Nesta sua consciência o homem experimenta a tensão do limite e da ilimitude, do finito e da infinitude, do ser e do poder-ser-ainda-não-sido. Falta-lhe a plena coincidência consigo mesmo. Como espírito percebe-se sem limite, tendendo para o infinito, desejando o ilimitado.

“Depois de uma lição, persegue outra”. É a lição de ilimitude de Jonathan Livingstone Seagull [5]. “O segredo, Jonathan, é você deixar de olhar para si mesmo como encarcerado nas limitações do seu

corpo. O grande segredo é você saber que sua verdade é viver" [6]. "Somos livres de ir a qualquer lugar que quisermos. É também para sermos nós mesmos, para sermos aquilo que somos realmente". "Não existem limites". Enfim, todo o poema de R. Bach é um canto à ilimitude do homem, a seu desejo de ser livre sem peias que o amarem, o prendam. Mas em cada pá-

gina sentimos também a tensão tremenda de tais anseios e da concretude, da limitação do corpo, que impede, que condiciona, que restringe.

O homem é espírito no mundo [7]. A corporeidade é o modo concreto de sua finitude e de sua abertura para os outros, para o mundo. Nesta concretude, ele tem desejos de contínua superação,

**"Então,
e só então
eu pude entender
a fome de infinito
que devora o meu povo".**

(P. Zezinho, *Cantiga de Libertação*).

"Esta fome de infinito" manifesta-se numa inquietude radical, numa tensão do homem em direção a uma crescente plenitude, e a dura experiência de suas impossibilidades. Sente-se então colocado no duro dilema do conformismo, da submissão alienada, do fatalismo do "Deus quis assim" ou da luta até as raias do desespero, da revolta desenfreada. A esperança vem situar-se precisamente no cerne de tal tensão, negando o conformismo, e tirando a angústia da luta sem perspectivas, ao criar um espaço de possibilidade apoiado na fidelidade de Deus, a sua presença no nosso próprio lutar.

"Primariamente o homem vive, enquanto aspira a, projecta, é fu-

turo" [8]. Ele é tendência para ser-mais-si-mesmo, ainda que se sente tremendamente tentado a ser-mais, tendo-mais. Esse ser-mais aparece como chamado ao futuro, à esperança. Vive a sua própria existência como ser-em-esperança, como ser-projeto-a-realizar. O futuro não se apresenta como quimera, mas para além das possibilidades do presente, anuncia-se a partir da vivência real do espírito, do ser-mais de um eu permanente. É a tensão fundamental entre ser e devir, acarretando responsabilidade em assumir o processo.

O homem como ser-em-devir só se realiza na sucessão, na decisão, na responsabilidade de suas opções.

**"Amanhã é teu dia, amanhã é teu mar, teu mar!
E, se o vento da terra que traz teu amor já vem,
Toma a decisão, aleluia,
Que um dia o céu vai mudar!
Quem viveu a vida da gente tem de se arriscar."**

Assim canta Edu Lobo a esperança como a decisão de lançar-se ao mar. A esperança se faz pela decisão, mesmo que o risco seja enorme, seja da própria vida:

**“Mesmo com a morte esperando eu me largo pro mar, eu vou!
Tudo o que sei é viver e vivendo é que eu vou morrer.
Toma a decisão, está na hora,
Que um dia o céu vai mudar!
Quem não tem mais nada a perder só vai poder ganhar!”**

Sem esperança, o homem ser- em-devir perderia o sentido de existir, já que para ele o amanhã é tão importante como o hoje. O hoje não o consegue explicar. O presente não esgota sua realidade. Ele é pro-jeto, é ir-para. A força propulsora do futuro é a esperança, enquanto o homem crê que a raiz de sua existência é um amor, um projeto-de-amor. Crer no amor é precisamente esperar. Crer-no-projeto-de-amor, que é sua existência é viver de esperança.

O desespero seria a consciência do vazio de amor na sua existência como futuro. Se a experiência de amor presente é só momentânea e carece de perspectiva de futuro, antes sabe-se reduzida somente ao presente, a existência humana é profundamente ameaçada pelo desespero, pelo vazio do nada. A percepção da própria fragilidade, da impureza e imperfeição de nosso amor sem esperança, sem possibilidade de um contínuo ser-mais-no-amor é frustrante, é um negar do princípio-esperança da existência. É a morte. É o nada.

Mas o campo rico da esperança é a história dos homens. Numa

frase muito densa, E. Bloch aponta a esperança como aquela que sustenta o homem na ação no mundo. Pois “o que ainda não se fez consciente no homem, ainda não se fez real no mundo” [9].

A verdade é o futuro, que brota na consciência do homem. Vive o homem na busca da “Pátria da Identidade”, em que ele encontra plena coincidência consigo mesmo, como os outros com a natureza. Na visão de Bloch se trata de uma plenitude imanente ao mundo. Mas numa visão cristã, podemos corrigir Bloch apontando a “Pátria da Identidade” para a escatologia final, em que Deus será todo em todos, em que Cristo levará a plenitude seu corpo, sem contudo anular a alteridade de Deus.

A esperança existe como o princípio que impulsiona o homem a buscar a harmonização total de si mesmo com a natureza transformada por ele e com os demais homens, numa superação definitiva da oposição homem-mundo, do conflito liberdade-ordem. Esta harmonia total do homem com a natureza humanizada, com os demais homens, consigo mesmo, é a utopia

propulsora da história. Se para Bloch o **Deus Absconditus** (Deus escondido) das religiões é substituído pelo **Homo Absconditus** (homem escondido) do futuro, o cristão pode entender neste homem escondido o próprio Verbo feito homem. Assim a obscuridade de Deus se revelou de modo definitivo, como eterna esperança para nós, na pessoa do Filho, Homem, que na obscuridade de seu existir palestinesc ocultava o futuro do universo e que na plenitude de sua glorificação revelou o **éschaton**, o termo final, em antecipação [10].

O substrato de todas as religiões é a esperança. A morte da esperança seria a morte da religião. No seu ateísmo quer Bloch recolher das religiões, para ele mortas, sua herança principal o princípio-espereança [11]. O cristianismo é fundamentalmente esperança, no sentido em que ele vive do fato central de que Deus, em se fazendo história, homem frágil, **sárxico**, pela morte se tornou vida gloriosa para toda a humanidade. O cristianismo não se apresenta como anestesador do homem apontando-lhe uma meta-espereança sem compromisso com a história, mas precisamente é o grande revelador de que Deus é o outro.

A esperança está precisamente em que esse outro, que me falta, que me é necessário, está-aí e não consigo anulá-lo. Enquanto houver o outro para mim, há esperança. Essa cessará de existir na história se o homem reduzir tudo à unidade de si mesmo, negando qualquer alteridade.

Se o homem conseguisse a "Pátria da Identidade", como espera Bloch, ele terminaria no tremendo "semper idem", na monotonia vazia da prisão que ele mesmo construiria para si. Toda reconciliação só pode existir na dialética do Outro. A esperança vive exatamente porque o Outro sempre me falta e não me deixa portanto na tranquilidade parada de mim mesmo.

A esperança do homem sofre uma grande prova: a morte. O homem se percebe como um ser-para-a-morte. A morte não é um simples acontecimento final de sua vida, mas é uma dimensão que acompanha sua existência. É sua grande ameaça de volta ao nada. A morte o questiona na sua radicalidade. Ameaça inevitável, ineludível, permanente. Está colocado diante do dilema de refletir sobre tal realidade e buscar-lhe o sentido profundo, as consequências para sua vida, ou esquecer-se na máxima pagã: "comamos e bebamos, pois amanhã morreremos".

Uma existência-para-a-morte significa uma existência que não encontra em si o seu fundamento, existência que pode fracassar, que não encontra em si mesma uma possibilidade de previvência. Ela não pode ser esperança de si mesma, sem que isto não seja palavra vazia, uma automentira, uma grande ilusão. O homem não podendo dar-se a vida e sendo-destinado-à-morte, encontra nessa realidade uma revelação de seu ser, de seu existir [12].

Se de um lado, não pode enganar-se a si mesmo de que é um ser-para-a-morte, doutro lado sente desejo irreprimível de viver, de superar a impossibilidade de viver-sempre. Assim a prostituta do filme de Fellini, **Noite de Cabiglia**, depois de mostrar todo o desespero de viver num mundo em que sofrera de modo tão cruel a traição de seu amor ingênuo, adere cantando a um grupo de músicos, que, no fim da noite, surge. Esta cena final do filme retrata de modo poético e artístico o irreprimível desejo de vida do ser humano, que mesmo, em situações de profundo sofrimento, desencorajamento, encontra ainda forças para poder esperar e sair cantando: vale a pena viver.

O homem pela morte experimenta não poder aceitar seu destino para o nada e a impossibilidade de poder obviar a tal fatalidade. Se a morte fosse de fato a última palavra sobre o homem, ele seria na verdade essa **paixão inútil**. O absurdo da morte só pode ser possível, porque o existir, o ter nascido é também um absurdo.

Portanto, ou a esperança ou o absurdo é dimensão necessária ao homem diante da morte. Sua impossibilidade diante do não poder dar-se a vida, faz com que ele espere a vida de Outro que lhe pode dar ou aceita perder-se no nada. O nada seria então sempre presente à sua vida, seria a raiz de si mesmo. A mais absurda contradição. O nada sendo a raiz do ser. Nesse mundo de absurdidade, temos a noite da inteligência, a impossibilidade de pensar, a inuti-

lidade de amar, a vacuidade de existir.

A morte é, pois, a experiência-limite do homem. Coloca-o diante de uma questão incontornável, e cuja resposta afeta toda sua existência. A própria náusea, angústia que o homem sente diante do nada da morte, revela, em última análise, que ele percebe sua vida como exigente de sentido. A simples possibilidade de não ter sentido convulsiona-lhe a existência.

O homem moderno sobretudo teme que a esperança seja uma maneira covarde de enfrentar a dureza da existência, uma evasão do realismo doloroso da vida, perdendo-se em reflexões floridas de sonhos e utopias. Além disso a esperança parece ser inoperante, não pertence ao mundo da eficácia, da funcionalidade. É um discurso bonito, mas retórico, cheio de palavras, e carente de eficiência.

Mais. A esperança parece responder à problemática dos indivíduos, mas perde o sentido quando se considera o destino comum de toda humanidade. A morte do indivíduo não significa nada nessa grande orquestra da história da humanidade com seus trilhões de seres humanos.

Não seria toda essa consideração filosófica um resquício de uma visão individualista, personalista do homem, em que se interessava tanto pelo destino de cada um e a morte aparecia como o terrível espantalho?

Que significa a morte de um no meio a essa imensa máquina do mundo?

Os desastres se sucedem, as hecatombes já não nos assustam. Morrem homens. Nascem mais ainda.

Não seria essa a verdadeira história da humanidade, sem que se precise falar de esperança, a não ser no sentido de perspectivas novas dos novos projetos que os homens conseguem realizar e executar?

Não cai por terra toda essa reflexão filosófica, se abriremos os olhos em volta de nós e virmos milhões de pessoas que vivem, vegetam, apenas afloraram à consciência?

Que significa esperar para todo esse mundo?

Ou esperança é um produto para elite, que já possui tanto e quer uma garantia de continuidade de tais bens?

A esperança encontra também sua razão de ser na estrutura social de homem. O homem é chamado a viver em comunhão com seu irmão e com ele construir a história. Toda comunhão entre os homens supõe consciência e liberdade. Mas onde a consciência de si, do próprio auto-valor não existe por causa de uma situação de alienação, de domínio, de exploração aceita resignada e fatalisticamente, subtrai-se o solo à esperança. Este homem vive menos a experiência humana que uma situação próxima ao animal.

A esperança é perspectiva própria do homem enquanto consciente de si, de sua realidade, de seus valores. A situação infra-humana de enorme porção da humanidade não é uma refutação à realidade da esperança, mas antes um revelar a força transformadora do princípio-esperança. Tal princípio só nasce no solo da consciência e da liberdade. Faz-se mister um processo de conscientização a fim de que o homem desperte para seus valores e possa esperar. A própria esperança é conscientizadora ou alienante, conforme desperte a pessoa para inserir-se num processo de libertação ou a faça conformada ou simplesmente a faça aceitar pequenas melhoras sem que se modifique radicalmente sua situação de dependência, sujeição e opressão.

A esperança se deturpa se é vista numa linha individual como acolhimento de dom para si ou no máximo como impulso para realização dentro do próprio pequeno mundo. Ela faz-nos ver que o outro, que vive alienado, oprimido, faz parte de meu mundo futuro. Também é destinado a viver comigo a comunhão final, é chamado a fazer história. A esperança inquieta-nos profundamente enquanto ao nosso lado existir um oprimido, um explorado. Dá-nos a consciência de que a tarefa de construção é de todos. Desperta-nos para a seriedade e gravidade do compromisso com o processo de libertação do irmão que vive na noite da inconsciência e opressão.

A humanidade, no decorrer de sua história, tem vivido tremendas contradições. Momentos de luzes, de progresso, de valores, de realizações. Momentos de morte, de crimes, de guerras, de ódio, de destruições. Não consegue integrar em harmonia as profundas contradições que a trabalham internamente. É incapaz de construir um futuro de plenitude, de totalidade integrada. Anseia por sua realização mas percebe-se impotente, ainda que desejosa. Cabem-lhe, pois, o desespero, o desânimo, o fatalismo ou a esperança, dom que lhe ultrapassa a própria capacidade.

Conclusão

A esperança se encontrava perdida entre as virtudes teológicas co-

mo uma virtude até mesmo bastante suspeita de alienante. Sentíamos mal em falar do desejo de uma felicidade eterna sobretudo para um povo sofredor, resignado, fatalista, explorado, quase como se quiséssemos justificar tal situação de carência de justiça com uma plenitude futura. A consequência parecia ser a inação, o providencialismo inoperante e fatalista.

Mas uma reflexão mais profunda vê que a esperança se funda na estrutura mesma do homem. Ele é um ser em contínuo devir. É tensão entre ser e querer-ser, devido a sua estrutura de consciência, de liberdade, de espírito, mas no mundo, na história, no frágil, no transitório. A esperança se funda na estrutura do homem do "sonho impossível".

**Está é minha ambição, seguir a estrela.
Não importam os fracassos. Não importa a longa distância
Lutar pelo que é justo, sem hesitar nem duvidar.
Estar disposto a descer ao inferno por uma causa divina.**

(de: **Homem de la Mancha**)

A esperança é o grito do homem realista que se conhece a si, aos seus irmãos, ao mundo que o cerca e não se ilude em esperar deles toda sua plenitude. Mil vezes o homem esperou sua realização completa de um momento, de uma pessoa, de uma vivência. Mil vezes voltou a si insatisfeito, incompleto, carente, desfolhado como uma rosa que pensou ser sempre pétalas abertas. Nada do que conhece pode

ser-lhe a plenitude, por mais santo, por maior que seja. Mesmo Deus, experimentado na pureza de seu coração, é percebido por um homem ainda ligado a si mesmo, atado às coordenadas limitantes de tempo e espaço, vulnerado pelo pecado, de modo que espera por outra experiência de Deus mais plena, mais livre, mais perceptível, mais englobadora de todos os seus amores humanos.

Na sinceridade de sua existência só resta ao homem escolher: esperança ou absurdo. Esperar ser-além-de-seu-ser-aqui-e-agora ou perder-se-na-noite-escura-do-nada. A esperança é a existência de nossa existência. Nela somos, nos movemos, continuamos a viver. Sem ela, resta-nos o estoicismo voluntarista ou a banalidade do sem-sentido. A partir da esperança podemos dizer com Nietzsche:

“Meia-noite é também meio-dia. A dor é também alegria, a maldição é bênção, a noite é sol também. Ensinaí que um sábio é também um doido. Já dissestes alguma vez um sim a uma alegria? Ó meus amigos, dissestes então um sim ao mesmo tempo a toda dor” [13].

NOTAS:

1. J. A. DE ALMADA, **De Virtutibus Infusis**, Tract. IV, em: *Sacrae Theologiae Summa*, III, BAC, Madrid 1961, pp. 707-841.
2. S. THOMAS, *Quaest. De Spe* c. 1
3. K. RAHNER, **Théologie et Anthropologie**, em *Théologie d'Aujourd'hui et de Demain*, (Cogitatio Fidei, 23) Paris 1967, pp. 99-120.
4. J. ALFARO, **Esperanza cristiana liberación del Hombre**, Barcelona 1972, pp. 15-32.
5. BACH, JONATHAN LIVINGSTONE SEAGULL, p. 47.
6. BACH, o.c. p. 58.
7. K. RAHNER, **L'Esprit dans le Monde**, Paris 1968.
8. E. BLOCH, **Das Prinzip Hoffnung**, Frankfurt 1959, p. 2.
9. E. BLOCH, o. c. p. 10 s.
10. L. BOFF, **A Ressurreição de Cristo. A nossa Ressurreição na Morte**, Vozes, Petrópolis 1972.
11. J. MOLTSMANN, **Teologia da Esperança**, São Paulo Trad. bras. 1971.
12. L. BOFF, **Vida Para Além Da Morte**, Petrópolis 1973.
13. F. NIETSCHE, **Ainsi Parlaît Zarathoustra**, 4e. partie. Trad. fr. Paris 1962, II/361. Citado por H. Cox, *La fête des Fous*. Trad. fr. Paris 1971, p. 33.

**“O último inimigo a destruir
será a morte”, 1 Cor 15,26.**

Nos nossas atividades pastorais no campo da saúde, defrontamo-nos muitas vezes com a morte. Ainda que estejamos convencidos da urgência e da necessidade da luta pela saúde e pela vida, é impossível fugir desta certeza absoluta, que diz respeito a cada um de nós.

PE. ADRIANO BACKX, CSSR

O CONFRONTO COM A MORTE

**“No meio da vida
estamos cercados pela morte”.**

A sua presença sinistra no trânsito, nas guerras, em toda espécie de violência, no descaso cínico em relação ao pobre, nos hospitais e nas maternidades é de tal forma, que uma assistência para morrer bem, como pretendemos apresentar neste artigo parece ser só para os mais privilegiados. O que segue

talvez parta de uma situação ideal e até bastante utópica, mas terá a vantagem de colocar problemas e de levar a refletir seriamente sobre **a dignidade da pessoa humana.**

Teremos sempre diante dos nossos olhos o absurdo da morte, seja qual for o tipo de sua manifestação. Isso constitui o maior impasse da vida porque é de fato a ruptura com tudo o que nos é caro; uma ruptura que concretamente

nunca poderemos aceitar, pois a morte em si não tem sentido. Isto não devemos esquecer mesmo dentro de uma visão cristã, que nos anuncia a mensagem da vitória sobre este fiasco completo, vitória conseguida pelo Deus Vivo, pois por Ele o não-sentido da morte é plena e superabundantemente compensado pela abundância **imerecida** de sentido que o Deus Vivo lhe comunica.

Nesta perspectiva é que procuraremos descobrir como devemos encarar a morte e como podemos ajudar-nos uns aos outros, para que

ela se torne mais suportável. Portanto, o acompanhamento do moribundo no hospital ou em casa, lugares onde a morte se comporta sempre um pouco melhor do que na rua ou em certos meios violentos, será o tema principal deste artigo. Veremos então, que em nosso meio, existem ainda grandes falhas e pouquíssima reflexão a respeito da morte. Também observaremos que perante a dor e a morte todas as conquistas da técnica, ainda que valiosíssimas, não conseguem acalmar a angústia do homem, principalmente na hora do fim definitivo de todo futuro neste mundo.

I) ATITUDES DIVERSAS NA ABORDAGEM DO MORIBUNDO

1. Nos hospitais a abordagem do paciente em estado grave, se manifesta às vezes um tanto **superficial**. A morte tornou-se um acontecimento comum e normal, pois regularmente o médico e a enfermeira se defrontam com ela. Facilmente nasce a rotina e para muitos não há mais nada de misterioso. Fala-se em "caso perdido", "está desenganado", "não tem mais jeito", "daqui para diante não se pode fazer mais nada", etc.

O clínico dá uma assistência redobrada e lança mão de todos os recursos para tornar mais tolerável a dor do paciente. De fato, os diversos remédios podem, em suas variadas combinações, proporcionar o paliativo que permite ao paciente um mínimo de consolo, adormecendo a dor e levando sossego ao psiquismo. Mas isto, por mais neces-

sário e louvável que seja, permanece bem exterior ao acontecimento. Manifesta **solidariedade** com a realidade viva, humana e sumamente dramática do moribundo? Mostra alguma compreensão do estado psíquico do paciente e da sua desolação?

Pode-se levantar uma objeção: "Quem dá uma atenção prioritária à pessoa poderá perder tempo em detrimento da salvação da vida". Mas será que isto é verdade? O motivo desta aproximação cada vez mais técnica e impessoal, não pode ser sinal de uma espécie de **autodefesa**? Esta maneira de abordagem não é uma tática para esconder o medo e a angústia, provocados pela confronto com a morte? O fato de concentrar a atenção nos mais sofisticados aparelhos, talvez seja uma tentativa de esquecer a morte, a

qual para o médico também é tão amedrontadora e desagradável que o leva a transferir toda a sua atenção e ciência para os tais aparelhos. Estes, com efeito, não estão tão próximos dele como a fisionomia sofredora de uma pessoa humana que o faz lembrar as suas falhas e as suas limitações e até a própria mortalidade.

Neste contexto devemos também mencionar e desaprovar certas expressões, usadas após a morte do paciente, como por exemplo, "fazer o pacote", pois demonstram a superioridade, a rotina e a falta de sentimento e de solidariedade. De vez em quando se nota até uma satisfação mal disfarçada, pois "há mais um leito desocupado". Isso não significa que haja má vontade, mas deve ser atribuído à uma atitude puramente técnica ou ao costume de ver e assistir à morte de alguém.

Para esta atitude pode ser usada a imagem de uma máscara: "a máscara da rotina hospitalar que, de uma maneira muito sutil, priva o paciente daqueles aspectos da sua vida que constituem a sua **personalidade** e a sua **dignidade**, por mais pobre que seja" (M. Brouwers e.a. *Counseling the dying*. New York, 1964, p. 58).

2. Supernaturalismo. Mas além das máscaras usadas pelos médicos e pelas enfermeiras, para defender-se contra um encontro completo e pessoal com o moribundo, devemos também examinar as máscaras usadas pelos representantes da **religião**.

Existe realmente a máscara da **separação**. O ministério sacerdotal marca o homem como guardião de santos mistérios e lhe dá poderes reservados só para aqueles que para isso têm uma missão especial. Então pode acontecer que o ministro sagrado manifeste atitudes um pouco presunçosas como se soubesse mais da verdade do que os outros. Isto cria uma distância desnecessária e prejudicial. Por outro lado sabemos que esta separação, muitas vezes, se deve aos conceitos dos próprios fiéis.

Há também a máscara do **ritualismo**. O uso de orações formais e certos ritos tradicionais, de fato possibilitam a criação de certo relacionamento com alguém, mas isto não quer dizer que se realize um encontro completo e perfeito com esta pessoa concreta, pois a comunicação é mais indireta do que direta e plenamente pessoal.

Na abordagem ao enfermo, o religioso, às vezes, evita perguntas diretas como, por exemplo, "como passou a noite", "a dor já diminuiu um pouco?" — as quais possibilitariam penetrar nos problemas que atingem diretamente o paciente — e diz logo: "vamos rezar". Agindo assim, as palavras provocam um distanciamento dos verdadeiros sentimentos do paciente, mas o religioso poderá escapar facilmente de toda problemática, e sair pensando que cumpriu realmente o seu dever. Mas, de fato, ele deixa o paciente mais solitário, abandonado e separado daqueles que deveriam ser capazes de compartilhar os seus sentimentos e compreendê-los.

Existe também a máscara da **linguagem especial**. Palavras desusadas, gastas pelo uso tradicional, mas com pouco sentido pessoal, constituem antes uma parede de separação do que uma ponte de ligação. As frases antiquadas usadas em certas orações não atingem o coração do paciente. Esta linguagem bonita pode soar bem e ter sentido para o sacerdote, mas comunica pouco aos pacientes.

Finalmente a máscara do **traje clerical** ou do hábito religioso, ainda usados por alguns nos hospitais para serem facilmente reconhecidos e respeitados como Padres. Com isso, porém, podem expressar a sua diferença do outro, num momento quando é importante dizer e demonstrar que deseja compartilhar os pensamentos e sentimentos do paciente em estado grave e participar da sua solidão.

Para que possamos ter uma atitude acertada no nosso contato com o paciente nesse estado, devemos, portanto, examinar tudo aquilo que poderá realmente embaraçar um encontro totalmente pessoal. Quando todos, médicos, enfermeiras e religiosos(as) forem cômicos da sua máscara e procurarem livrar-se dela, só então poderá existir uma comunicação livre e aberta com o paciente.

3. Esconder a verdade. Será impossível esgotar este problema tão discutido no mundo médico. O problema, de fato, é complicado e difícil demais para ser colocado em poucas linhas e plenamente apreciado. Para isso seria necessário um

estudo especial de todos os "prós" e "contras". A. Strauss no seu livro: **Awareness of Dying**, London, 1969, enumera cinco fatores que contribuem para que os pacientes, às vezes, não tenham a chance de compreender a aproximação da sua morte.

a. Eles mesmos têm experiência insuficiente para reconhecer os sinais da proximidade da morte.

b. Os médicos dispõem de uma série de justificações para guardar o silêncio. Dizem, por exemplo, que a experiência clínica prova a incapacidade dos pacientes de suportar uma informação sincera a respeito do seu estado.

c. Os familiares, informados da aproximação da morte, escondem cuidadosamente este triste segredo.

d. A organização do hospital e a mentalidade do pessoal do serviço de enfermagem tem todo o cuidado para que o prognóstico do médico não chegue ao conhecimento do paciente.

e. Normalmente o paciente não encontra aliados entre os outros pacientes. Com tudo isso a conspiração do silêncio permanece sempre completa e impermeável.

Quanto às ponderações médicas referentes ao problema da verdade para o paciente, encontramos duas posições opostas:

Uns dizem, categoricamente: o doente não pode saber nada a respeito da seriedade do seu estado, pois o paciente deve ser respeitado; não quer saber a verdade; não se

pode privá-lo da esperança; o prognóstico jamais será absolutamente infalível; o paciente tem direito a uma morte suave; não pode ter choque algum que possa perturbar a sua tranquilidade etc.

Outros, porém, estão convencidos de que o paciente deve saber algo da seriedade do seu estado. Estes dão muito valor ao respeito pela **pessoa** do paciente e dizem que, pela verdade, se libertam atividades e resistências positivas; acham também que pela mentira o médico perde a sua autoridade.

É evidente que dar diretivas detalhadas, aplicáveis igualmente para cada caso, será de todo impossível. Aqui se trata, antes de tudo, de uma **atitude**. Na nossa procura de uma atitude correta parece que podemos partir de uma afirmação: o paciente sempre terá o **direito** de saber a verdade. Este direito deverá ser respeitado, a não ser que seja evidente a sua incapacidade de agüentar tal comunicação.

II) NOSSAS ATITUDES PASTORAIS

Em termos gerais podemos dizer que nossa pastoral deve ser um acompanhamento adequado no pior abandono, que o homem pode sofrer perante a morte que lhe faz violência. Acompanhar um moribundo não é nada fácil. Podemos até afirmar que a maioria dos que pretendem ajudar o paciente não chega a um autêntico acompanhamento. Tratam o paciente, cuidam

Basta citar aqui o parecer do Dr. Sporken **A Última Casa da Vida**, p. 68: "No início, o término fatal deverá ser apresentado como uma das muitas possibilidades, colocando-a, por assim dizer, dentro da área da atenção do paciente, a fim de que esta possa paulatinamente chegar ao centro da sua atenção". Portanto, uma dosagem da verdade poderá facilitar muito a dolorosa assimilação.

Tudo depende da pessoa concreta do paciente e do médico que o trata. Em caso de doenças que em pouco tempo levam para a morte, o próprio médico ou psicólogo devem procurar descobrir aquilo que o paciente deseja saber e então devem agir de acordo com a vontade do paciente.

Devem dizer a verdade quando o paciente mostrar desejo de preparar-se dignamente para a sua morte. Pode ser que queira deixar os assuntos de família em ordem ou então que sempre tenha tido convicções religiosas que incentivem uma preparação à morte.

dele, vivem na sua vizinhança, mas acompanhá-lo, no sentido verdadeiro, significa andar de companhia, passo a passo, no último trecho do caminho da vida e viver realmente todas estas situações, ajudando o paciente com palavras e ações.

A condição fundamental para uma ajuda psíquica ou espiritual ao moribundo é que se tenha a coragem

de confrontar-se com a morte e com a própria morte. Depois, deve-se saber algo do estado psíquico do doente, para que haja um acompanhamento apropriado nestas diversas fases do fim da vida. A conhecida psiquiatra Dra. Elisabeth Kübler Ross nos fornece indicações muito válidas para que possamos dar um acompanhamento mais seguro, humano e cristão ao moribundo. No seu livro **Death and Dying**, New York, a autora relata detalhadamente a sua assistência aos moribundos.

Ela conseguiu que estudantes de teologia pudessem conversar com os pacientes "desenganados". Não foi fácil organizar esses encontros, pois o pessoal do hospital fazia sérias objeções, pois estava convencido que a grande maioria dos pacientes ia certamente recusar ou poderia ficar prejudicado por um choque psíquico. Sucedeu o contrário. Quase todos ficaram muito agradecidos, pois tinham tido a possibilidade de exteriorizar seus sentimentos mais profundos. Os estudantes teólogos não tinham a missão de anunciar algo, mas de simplesmente escutar e deixar falar.

Isto já é, de fato, um ponto muito importante, pois há cristãos que deixam outros na maior solidão, porque pensam que devem, quanto antes, apresentar toda a bagagem da fé. Exatamente por isso a fé, que faria o paciente dizer a Deus que se sente completamente só e abandonado (**Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?** Mc 15,34) não tem sua chance.

O tema central do livro da Dra. Kübler Ross é: como o paciente

deve "desligar-se", "desprender-se" de tudo. Este caminhar para o desligamento completo, a conformidade com o conhecimento da despedida definitiva e a necessidade de se pôr em ordem a vida, é um processo profundamente angustiante e atormentador.

Todo este processo, muitas vezes, se passa num ambiente e clima em que o paciente sente falta daquele apoio de que precisava. Nos grandes e modernos hospitais, o doente desenganado enfrenta quase sempre um combate difícil e solitário. E que pensar dos pacientes pobres, seja indigentes simples ou "indigentes graduados" do INPS, que esperam o seu fim em enfermarias pequenas e mal ventiladas de 3 ou 4 leitos, onde mal haveria lugar para um só?

Em geral os médicos vacilam quanto à atitude a ser tomada e muitos não têm coragem de falar sobre a seriedade da situação. As enfermeiras demonstram certa resistência em lhes dar tanta atenção carinhosa quanto ao paciente cuja recuperação é bastante provável. Os familiares não se sentem bem no hospital e sempre acontece aquilo que o autor russo Soljenitzine descreve no seu livro **Pavilhão dos Cancerosos**:

"Por mais que filhos e mulher chorassem e ficassem preocupados, o tumor continuava crescendo como uma parede a **separá-las**, e do lado onde se encontrava, ele estava **sozinho**."

A Dra. Kübler Ross então nos mostra que o paciente passa por um processo de várias fases: da **negação** e **revolta** o paciente caminha para um **"negociar"**. Entra na **depressão** e finalmente passa à **aceitação**. Pode acontecer que um paciente se fixe durante muito tempo numa determinada fase e, depois de ter caminhado e evoluído, sofra uma regressão para uma fase anterior; isto depende da estrutura psíquica da pessoa. Destas fases, tentamos dar um resumo, apresentando as experiências da Dra. Kübler Ross. Trata-se de pacientes religiosos e não-religiosos.

Página 117. Nestas experiências do confronto com a morte de pessoas religiosas e não-religiosas se manifesta o mesmo padrão de atitudes.

Primeira fase. A reação espontânea à certeza (por exemplo, após o exame clínico) ou a suspeita de um resultado desfavorável é a **negação**. "Não pode ser verdade. Diga, Doutor, que não é verdade". O paciente procura então outros médicos na vã esperança de conseguir um diagnóstico benévolo. Conforme a autora, esta negação é essencialmente uma **auto-defesa**. Nosso "Ego" ainda é fraco demais para poder aceitar a verdade e, desta maneira, fazemos a tentativa de nos proteger a nós mesmos.

Esta primeira reação possibilita ao doente suportar psiquicamente o grande choque, pois a verdade é dura demais para, de repente, se conformar com ela. O paciente se revolta e protesta:

"Por que eu? Por que os outros podem continuar a viver? A morte não seria melhor para pessoas idosas, cansadas da vida? E por que eles gozam de boa saúde? etc."

Esta revolta é um primeiro passo para a aceitação, pois não se nega mais a verdade, apesar de rejeitá-la. Em todo caso rejeitar é mais real do que negar. Para o próprio enfermo e seu ambiente é um período muito difícil. O paciente não pode libertar-se desta angústia senão procurando "bodes expiatórios" para poder desabafar sua revolta contra a má sorte.

Estamos na **segunda fase**: a da **revolta**. Para o paciente, os médicos, as enfermeiras e até os familiares estão todos errados, não o compreendem ou não querem agir como ele deseja. Já se percebe que nesta fase estamos diante da **solidão** do homem gravemente doente; por suas atitudes injustas ele pode afastar aqueles de quem tanto precisa. No fundo, porém, sua conduta incompreensível (ele era tão bom) significa um pedido insistente de compreensão e de compaixão.

A **terceira fase** indicada pela Dra. Ross é a fase de certo **"negociar"**. Significa uma tentativa de aceitar a realidade e ao mesmo tempo escapar a ela. Assim encontramos doentes que prometem, por exemplo, "quando eu melhorar e recuperar a saúde, então vou viver melhor e servir à Igreja; vou ser menos egoísta; darei mais atenção ao meu lar etc." A maioria destas transações é feita com Deus e revelam fundamentalmente sentimentos de culpa.

Na **quarta fase** nos defrontamos com a **depressão**. O doente se deixa dominar pelas sensações de incapacidade total e de abatimento. Desiste da sua revolta e enxerga melhor o inevitável. Ainda não é uma aceitação no sentido de uma integração do inevitável, podendo agora viver com isso. O paciente se deixa levar e se afunda na mais intensa tristeza. Reconhece, portanto, a derrota.

Se a depressão faz parte da preparação para se separar dos entes queridos, e prepara o caminho da aceitação, então palavras animadoras e tranquilizantes não tem mais sentido. Muitas vezes, um aperto de mão e sentar-se calado junto ao leito são as atitudes mais acertadas. Pode ser que nesta fase o enfermo peça uma oração e se preocupe mais com coisas do futuro do que do passado.

O esforço dos visitantes para animá-lo, atrapalha mais do que auxilia nesta preparação emocional para a fase seguinte, a fase da **aceitação**. Diz a autora à página 117: "Agora já exteriorizou todos os seus sentimentos, sua inveja dos vivos e dos sadios e daqueles que não deparam com a morte tão cedo, chorou por causa da próxima separação de tantas pessoas amadas e agora vai refletir mais tranquilamente."

O paciente, nesta última fase, tem a capacidade de aceitar aquilo que é o mais duro: a **despedida**. Ele se torna mais tranquilo e pode

tocar neste assunto sem muito constrangimento e tem força bastante para tomar as medidas necessárias. Emocionalmente deixou a vida atrás de si e já está num mundo novo. Naturalmente permanece sempre nele uma centelha de esperança. Talvez aconteça um milagre; ou se encontre um remédio novo etc.

Perante este quadro, o que o religioso(a) pode fazer de útil ao enfermo?

A meu ver, o problema pastoral, nestas situações, consiste essencialmente na **comunicação de nossa solidariedade**. A questão é saber em que grau se tem a capacidade de solidarizar-se com este paciente, pois nada mais necessário neste momento do que esta solidariedade. É importante, antes de tudo, nossa presença e nossa vontade de ajudá-lo a carregar a cruz do seu sofrimento. O fato de não ser deixado só, é para o paciente um benefício enorme, imenso. Os contatos não-verbais são também de grande valor para ele: segurar a mão ou acariciá-la, pôr a mão na cabeça, o fato da própria visita e ficar aí sentado, significam muito mais do que se imagina.

É importante também que o paciente possa dizer algo e desabafar plenamente. Portanto, nesta presença solidária já existe para o religioso uma missão, uma tarefa profundamente cristã. Sua missão é ser solidário. Para o moribundo, o reli-

gioso é, nesta solidariedade, mais do que um amigo qualquer: é o representante do Grande Pastor, pois ele está em nome da Igreja de Cristo. Ele é, por assim dizer, uma figura simbólica que manifesta a solidariedade de Cristo, de Deus.

O religioso junto ao leito do moribundo não deve se sentir, em primeiro lugar, como anunciador de uma mensagem, obrigado a dizer alguma coisa.

Sua maneira de agir, sua presença solidária, sua comunicação não-verbal, seu escutar atento e caridoso, constituem já uma mensagem evangélica profunda. O máximo que pastoralmente, poderá ser conseguido num leito de morte, é aquilo que chamamos "a entrega a Deus", entrega na qual a vida termina em espírito de gratidão e de plena confiança e na qual os que ficam são confiados à bondade de Deus. O anúncio disso não pode ser transmitido à grande distância, por muitas palavras piedosas, mas esta entrega total só será possibilitada pela nossa solidariedade.

Dentro deste quadro de profunda solidariedade — com toda a nossa própria fraqueza humana — podemos então ser um sinal e pela nossa palavra clarear e facilitar esta nova relação com Deus. Deste modo, por nossa presença e por nossas palavras, tornamos o Cristo presente, visível e aceitável, exatamente porque o paciente se sente cercado de

relações humanas de elevada qualidade. Então o religioso pode afirmar a fé reencontrada por seu contato solidário com o doente e assim podem seguir-se, com toda naturalidade, **o perdão dos pecados, a celebração da Eucaristia e a Sagrada Unção.**

Sobre este último sacramento, que merecia um artigo especial, apenas umas observações muito práticas. No passado o sacramento da Unção significava o "último sacramento". No Vaticano II, porém, pensou-se mais no sentido dado por São Tiago: Unção dos enfermos, Tgo 5, 13-16. Isto tem, naturalmente, consequências sérias para a administração deste sacramento. Tanto o Rito como as orações devem sintonizar com a situação do paciente. Isso implica que o sacramento deve atuar dentro **da totalidade da assistência ao paciente**, assim como foi explicado acima.

Quando se oferece ao paciente o Sacramento na qualidade de Unção dos Enfermos, deve realmente significar Unção dos Enfermos e não uma "mentira carinhosa junto ao leito do moribundo". Isto de fato acontece quando o sacramento é expressamente oferecido na sua função de "unção dos enfermos" e quem não sabe e nem pode saber que está morrendo.

O que fazer após uma morte repentina? A unção dos enfermos ou a forma de último sacramento tem sentido?

Acho que uma Unção sacramental nesta situação não fica destituída de todo sentido, pois pode significar muito para os familiares. Assim a Unção e a Oração adaptadas à situação podem ser apresentadas e vividas como atos simbólicos de despedida e ao mesmo tempo ser um ato da nossa fé e confiança em Deus, de que manterá a sua fidelidade e o seu infinito amor até além da nossa morte.

Igualmente parece ter sentido a Unção de um paciente inconsciente, sob a condição de que o acontecimento religioso se adapte ao paciente e à situação. Por exemplo, no "Pronto Socorro" somos chamados para "sacramentar" um paciente em estado grave, vítima de um acidente. Vários especialistas e enfermeiras lutam para salvar-lhe a vida. Em tais circunstâncias não podemos fazer solenidades compridas, pois é claro que o cirurgião poderia dizer: "Padre, se quiser, faça as suas orações, mas não nos atrapalhe."

Com toda calma o sacerdote deve esperar pelo momento mais propício para ungir a testa e fazer uma breve oração, pedindo a Deus a aceitação desta Unção como uma súplica para que se torne visível o seu cuidado pelo homem através das mãos destes médicos e enfermeiras, que estão lutando para salvar-lhe a vida. Em todas as situações o acontecimento religioso deve ser também a expressão dos sentimentos do paciente e dos seus, de sua situação e da relação de solidariedade entre o religioso e o paciente.

Conclusão

Tudo que acima foi dito sobre o acompanhamento do moribundo, pode ser bastante relativo, quando se pensa, em nossa realidade nordestina, nos numerosos pacientes cuja estrutura mental é muito limitada e atrofiada (a culpa é nossa) por causa da ignorância e do fatalismo pelo qual imaginam que tudo vem de Deus: "Deus quer assim"; "Deus sabe o que faz"; "Deus esqueceu-se da gente"; "apesar de tudo Deus é bom Pai"; "o que fazer contra a vontade de Deus?"; "não é Deus que marca o dia da gente?" etc.

Dentro desta estrutura a morte não é aceita **conscientemente** após muita luta e resistência e assim não podemos falar de uma aceitação, mas da mais **nociva resignação**. Uma criancinha morta é um "anjinho" e para muitos a morte significa o fim da miséria. Esta vida não tem valor pois é só sofrer.

Acompanhar estas pessoas parece ser muito fácil, pois o moribundo facilmente atende aos nossos pedidos e às nossas exigências religiosas; não há problema e toda palavra religiosa será bem aceita. Para nós que o acompanhamos, porém, deveria existir realmente uma **angústia muito grande**. Entretanto, não podemos desprezar a atitude deste paciente que procura o nosso apoio dentro do seu próprio mundo religioso.

Temos a gravíssima obrigação de acompanhá-lo respeitando os seus conceitos religiosos. Esta atitude pastoral se expressa bem com as palavras de Dom Hélder Câmara:

“São os feridos da guerra”, que precisam de uma aproximação caridosa e compreensiva do Bom Samaritano que se compadece, Lc 10,34.

Mas, pensando no futuro, o religioso deverá sempre dar todo apoio a tudo o que se faz para que esta estrutura mental e todo complexo de causas que a produz, seja eliminada nas futuras gerações. Estas deverão lutar com **grande solidariedade** para vencer a morte, apreciando o sentido pleno **da vida**. Claro é que a morte não vai desaparecer do nosso mundo, mas então poderá ser aceita de modo consciente e cristãmente, e desta maneira poderá

ser oferecida a Deus uma **“perfeita entrega”** de uma vida, que valia a pena de ser vivida.

Podemos sintetizar tudo que foi apresentado sobre o nosso confronto com a morte na oração do livro de Leonardo Boff **Vida para Além da Morte**, página 66:

“Senhor, concedei aos que estão morrendo e se decidindo para Vós a graça de um rápido amadurecimento humano e divino para que, acrisoladas, possam desabrochar totalmente em Vós.”

A Conferência dos Religiosos do Canadá fez uma pesquisa sobre o tema sugerido pelas Uniões dos Superiores Gerais e das Superiores Gerais: "a mentalidade, os problemas e as opiniões dos jovens religiosos". Jovens religiosos (J) significa aqueles que estão no início da VR (de um a quatro anos) ou proximamente vão iniciá-la. O questionário foi distribuído em 15 grupos que representavam bem o Canadá, desde Terra Nova até Alberta. Eram padres, irmãos, irmãs, agentes pastorais etc. Além da opinião dos jovens religiosos, a pesquisa levantou ainda as idéias dos responsáveis pela formação (F) que vivem em íntimo contato com eles e dos Superiores Maiores (S), Provinciais ou Gerais que igualmente têm conhecimento pessoal destes religiosos. CONVERGÊNCIA publica as respostas sem comentá-las. São um documento que merece ser meditado pelos que se preocupam pelo futuro da vida religiosa.

A MENTALIDADE

1. Onde os jovens religiosos encontram Jesus Cristo?

Na oração pessoal e comunitária, fundamentada na fé e alimentada pelo conhecimento do Cristo nas Escrituras; no serviço aos outros, cada um em seu apostolado específico. As relações interpessoais e as experiências vividas em comum levam a um encontro mais profundo na oração (J-1).

Em geral, no início, podem encontrá-lo em si mesmos num tempo forte de oração gratuita que leva, em seguida, a encontrá-lo nos outros também. Numa fraternida-

de realmente vivida. No evangelho e nos sacramentos. No contato com quem sofre: drogados, velhos, não amados, mães solteiras, crianças etc. Nos mesmos acontecimentos de nossa vida cotidiana (J-2).

Na eucaristia, nos outros, na oração comum e individual, na reflexão e no diálogo em profundidade, na ação e no silêncio, na integração de ambos, na escuta da palavra, nos acontecimentos e nas relações interpessoais (J-3).

Na vida de oração. Dentro da comunidade na tolerância mútua. No trabalho apostólico e, de maneira muito especial, no contato com pessoas muito pobres. Nas celebrações eucarísticas diárias (J-4).

Os jovens religiosos encontram Jesus Cristo diariamente de maneira muito variada: nos acontecimentos, nas vicissitudes, nas pessoas com quem mantemos relacionamento cotidiano, no trabalho ou em casa. O valor destes contatos é aumentado e enriquecido por uma atitude interior, atitude que se alimenta de uma reflexão frequente da

Nas pessoas, em particular nos membros da própria comunidade. A oração, tanto pessoal quanto comunitária, é o mais importante fator de integração. Este encontro com Cristo traz luz interior e força para enfrentar as situações concretas. Encontra-se ainda Jesus Cristo no serviço aos pobres, aos doentes, às pessoas que sentem toda sorte de necessidade (F-1).

Na dimensão horizontal: no outro. Na Palavra de Deus (F-2).

Na oração, na eucaristia, na escritura, nas vicissitudes diárias, nos contatos, no engajamento apostóli-

DOS JOVENS RELIGIOSOS

Palavra de Deus, "o Verbo se fez carne e veio habitar entre nós" (J-1.5.12).

Na oração individual e comum, na Eucaristia, na liturgia, na escritura, na meditação. O cristão pode descobrir Jesus Cristo no mais íntimo de si mesmo; nos outros, amigos, membros da comunidade, pessoas achegadas a Deus, companheiros de trabalho, os necessitados, aqueles que se fazem de samaritanos. O cristão encontra ainda Cristo nos acontecimentos, nos sucessos, nos fracassos, naquilo que pode ser um sinal dos tempos (J-6).

co, nos sacramentos. Quando se sente que se ama reciprocamente, que Cristo é uma realidade presente, é uma experiência vivida cada dia (S-1).

Em todo lugar, especialmente nos outros. Um Jesus Cristo traduzido na vida dos outros. Em determinado trabalho apostólico. Na oração de fim de semana ou de uma vez por mês. Numa oração mais prolongada do que aquela ordenada pela regra. No silêncio e na contemplação. Na escritura, na Bíblia, no evangelho em plano de fraternidade, de diálogo, de partilha. Nos

encontros litúrgicos com outros jovens e outras jovens. Em toda novidade que se vive. Tem-se necessidade de alguma coisa que vibre, de alguma coisa que pode ser remanuseada e renomeada (S-3).

Os jovens não entendem o problema assim: quem é Jesus Cristo para mim. Eles o encontram nos acontecimentos significativos, nos co-irmãos, no evangelho, na partilha, no engajamento social. Para nós o encontro com Cristo é interior. Para eles, está ao nível da ação e do engajamento (S-4).

Encontra-se Cristo na oração pessoal, na oração em grupo, na Escritura, nos pobres e, espera-se encontrá-lo nas religiosas anciãs. Encontra-se Cristo nas relações dinâmicas, na contemplação, na partilha e nos corredores do sofrimento (S-5).

Na solidão, na paisagem natural, em local tranquilo, na capela, num contexto que fala, numa vela, numa frase ou numa imagem inspiradoras. Nos outros, em razão da presença de Cristo neles. Numa comunidade de vida. Na Palavra de Deus meditada na solidão ou partilhada com outros. Nas celebrações e, particularmente, na eucaristia (S-6).

Os jovens religiosos encontram Jesus Cristo nos seguintes lugares: na Escritura, nas celebrações eucarísticas, quando podem tomar parte ativa. Na oração, pessoal, partilhada, paralitúrgica, nas relações interpessoais, onde questionam e trocam suas experiências sociais e culturais. A natureza e os acontecimentos também os levam a encontrar Jesus Cristo (S-7).

2. O que pode ajudar aumentar a fé dos jovens hoje?

Uma tomada de posição e uma implicação pessoal nas atividades apostólicas da Igreja; uma vida de oração mais profunda; o testemunho e o encontro de Cristo no evangelho que leve à tomada de consciência da Trindade; a demonstração, por toda a nossa vida, que Cristo e a Igreja conduzem a um combate a favor dos pobres; saber viver pobremente; aceitar a insegurança e a crítica e, sobretudo, amar realmente o povo (J-1).

O questionamento de certos valores de base, no plano religioso, o que leva a aprofundar a própria fé.

A luta e busca constante de meios de se manter na verdade e de sempre reescolher Cristo. O testemunho daqueles (leigos e religiosos) que vivem realmente a própria fé. Quando o pensar, o falar e o agir fazem uma única coisa na vida de uma pessoa. A tomada de consciência de sua fé pessoal, pelo diálogo, pela reflexão, pela leitura, por cursos (J-2).

Os jovens procuram autenticidade. A ação dos adultos e seus testemunhos concretos. A caridade vivida e o testemunho de uma fé vivida. Falar abertamente de Jesus

Cristo. Ser uma pessoa autêntica. Dar ao povo a possibilidade de exprimir na Igreja. O exemplo dos religiosos que se integram no mundo (J-3).

A profundidade e a sinceridade de outros crentes. A força do exemplo da comunidade. As esperanças e os desejos dos outros. Descobriremos Cristo neles. A expressão da fé na partilha e outras experiências concretas. A abertura para os outros, a retidão e o desejo de partilhar (J-4).

a) O testemunho daqueles que acreditam realmente numa vida de autenticidade. O testemunho que nos ajuda a realizar o "eu estou convosco. Não temais". b) A solidez de uma fé profunda e simples que nos obriga a colocar questões, tais como: Quem é Cristo para os outros? E conseqüentemente: Quem é Cristo para mim? c) Momentos de silêncio, necessários para permitir a Cristo falar para renovar a minha fé. d) As sondagens que fazem os outros e que nos obrigam a reexaminar a quem e por quem fazemos atualmente profissão de fé (J-5).

Especialmente o testemunho de um cristão verdadeiro e sincero que torna visível a atualidade da fé e não apenas o testemunho de pessoas excepcionais. O testemunho de vida de cristãos ordinários. A experiência de oração e de partilha espiritual. O gesto de ir avante, de progredir em resposta a um apelo da fé. A percepção da beleza e da alegria da fé. O sentimento de posse que daí decorre. Enfim, certo

grau de conhecimento e de cultura das coisas da fé (J-6).

1) Uma comunidade aberta e fraterna, onde se pode partilhar a fé suas dúvidas, com o testemunho de pessoas que uma vida de fé. 2) O encorajamento, o apoio moral, especialmente a ajuda pessoal para a oração. 3) As ocasiões de trabalhar no meio profano, para aprofundar convicções pessoais e colocá-las realmente à prova. 4) Celebrações eucarísticas ricas de significação. 5) Estudo da Escritura, da cristologia, de outros temas teológicos (F-1).

Trocas espirituais com pessoas autênticas. Movimentos que exigem um progresso e um engajamento numa ação concreta (F-2).

Maior abertura, mais vida de família. Fidelidade daqueles que se engajaram. Visão de um amor ardente e de uma fé verdadeira nas pessoas ao nosso redor. Experiência de oração verdadeira como finalidade da própria vida religiosa. Direção espiritual. Os jovens não consideram as coisas do passado, como necessariamente eficazes por definição. Querem a experiência da vida. Querem partilhar das experiências da fé de pessoas vivas e livres, de modelos de vida (S-1).

O movimento ecumênico. O testemunho de uma vida vivida na fé. Os movimentos onde podem se expressar com espontaneidade. O facto de que aceitamos rezar pelo seu figurino antes que arrastá-los para o nosso. A atenção que dedicamos ao modo pelo qual vivem e àquilo que dizem. A acolhida que rece-

bem em nossas casas. Nosso engajamento pessoal (S-2).

Aqueles que acreditam profundamente, que agem e se comprometem conforme a fé, aqueles que não têm vergonha de professar a própria fé. A vida de comunidade vivida realmente em relação com Jesus Cristo. Atos concretos de caridade. Vida repassada de experiências de fraternidade, de partilha. A experiência da fé é parte da fraternidade. Partilhas evangélicas aplicadas à vida. O encontro de religiosos cuja vida é realmente realizada e alegre. A confiança que os leva a se sentirem convidados para o comprometimento numa responsabilidade frontal com a fé dos outros. Quando se julgam responsáveis pela fé da comunidade (S-3).

O que ajuda: O respeito pelo caminho pessoal; uma liturgia viva onde eles podem se compromissar. O engajamento apostólico verdadeiro que os torna conscientes dos valores. Os encontros que são uma busca em conjunto. As orações em

grupo onde a solidariedade é sentida. A vida de comunidade em estilo fraterno com trocas (S-4).

A evidência de que Cristo vive nos religiosos anciãos; a autenticidade, a abertura ao diálogo espiritual com os religiosos idosos, um contato pessoal com Cristo, com o diretor espiritual, a atração de uma vida de oração com os outros, uma boa iniciação à teologia (S-5).

O contato com pessoas que têm fé viva e profunda; a ocasião de partilhar as próprias experiências de fé com outros, de participar e de viver novas experiências. Contatos significativos mesmo ao plano social; celebrações eucarísticas; qualquer gesto que permite exprimir aquilo que se sente (S-6).

A autenticidade e a sinceridade daqueles com quem se vive. A experiência do contato com Cristo na oração. O exame da própria vida face ao evangelho, a oração com os componentes do próprio grupo (S-7).

3. O que torna mais difícil a fé dos jovens hoje em dia?

Um conhecimento muito superficial da pessoa de Cristo. Tudo se converte em obstáculo se falta uma fé real e profunda que se exprime na oração. Igualmente, a Igreja se identifica com o **establishment** e se revela, por isso, desfigurada. As riquezas da Igreja e em particular das comunidades são um obstáculo real para os jovens. Daí sua incapacidade de assumir um comprometimento permanente (J-1).

O divórcio que, às vezes, existe entre o falar e o agir. O espírito racional que busca provar tudo, tudo explicar, sente-se constrangido em aceitar o inexplicável. O fator tempo: a impaciência diante da lentidão do próprio crescimento na fé. O grande número de atividades que não deixam lugar à oração e à reflexão. O contexto pluralista atual. Tudo muda muito rapidamente. E os valores são questionados ou ne-

gados. A defecção de pessoas que pareciam convictas da vida religiosa e nas quais colocaram confiança. A falta de respeito às pessoas revestidas de autoridade face ao ritmo e ao progresso de cada um na fé. A falta de convicção de alguns em afirmar a própria fé em circunstâncias comprometedoras (J-2).

A facilidade material, as correntes existencialistas, a propaganda e os preconceitos, a crise universal de fé, o silêncio de um grande número que não ousa professar a sua fé. Práticas não convictas. Radicalismo e compromisso totais metem medo nos jovens. Falta de autenticidade de sacerdotes, de religiosos e de religiosas. A grande dificuldade de se exprimir da Igreja (J-3).

O contra-testemunho de muitos, a falta de sinceridade na comunidade ou no trabalho. O egoísmo ou a auto-suficiência: "Sou eu quem vai fazer". A tendência atual à secularização, às divisões na Igreja entre radicais e conservadores. A pobreza de expressão litúrgica da fé (J-4).

1. Grande destaque à nossa vida social e profissional relegando Cristo a um segundo plano. 2. Descoberta de que a idéia que muitos têm de salvar o mundo é vazia de autenticidade. 3. Descoberta de que a vida de muitos não está centrada no essencial e assim mesmo são críticos dos ensaios de renovação. 4. A localização daqueles que vivem sem estima o testemunho externo do voto de pobreza (J-5).

A pressão de uma sociedade que oferece outras opções, mais atraentes e aparentemente válidas, para

assegurar pleno desenvolvimento da pessoa. A fragilidade dos canais de transmissão da fé na Igreja Católica; formas antiquadas de culto e de vida comunitária, liderança deficiente, contra-testemunho.

Os jovens sentem a incapacidade de assumir comprometerimentos permanentes, sentem a tendência de julgar tudo normal, sentem a falta de disciplina pessoal; o ativismo, a insuficiência de oração, o dogmatismo, a intolerância frente as opções de outros na Igreja (J-6).

1. Condições precárias de vida comunitária: ao nível da subsistência, da pobreza visível da fé, da esperança e da caridade; pessoas de boa vontade mas incapazes de se comunicar com os jovens; aceitação generalizada do sistema que valoriza questões de detalhes e insignificantes; pessoas intolerantes, críticas, desconfiadas de todas as manifestações de fé dos jovens. 2. Formas de oração rotineiras e vazias. 3. Meio cultural que favorece o individualismo e uma falsa independência. 4. Atitude constante e crítica questionando todos os valores, dentro e fora da comunidade (F-1).

O não engajamento de pessoas de certa idade. A defecção de muitos em quem depositaram confiança. O medo que têm os adultos de que os jovens apresentem o cristianismo com todas as suas exigências (F-2).

A enormidade das estruturas e das coisas materiais. A quase duplicidade de certas pessoas. Apego excessivo às estruturas do passado. Incapacidade de muitos religiosos

de aceitarem os jovens como eles são. Insegurança geral dos jovens com relação a eles mesmos. Comentários críticos que são verdadeiros julgamentos. Autoridade impessoal, importância exagerada dada às coisas exteriores. A perda da confiança no mundo dos adultos (S-1).

Ausência de radicalidade no modo de viver o evangelho. Importância excessiva atribuída às estruturas em detrimento dos valores humanos. Falta de autenticidade. Necessidade de provas concretas de que não se está satisfeito com o estágio de vida de fé alcançado (S-2).

Os exemplos e as reações das pessoas com as quais vivem: falta de caridade. As defecções e a falta de comprometimento das pessoas mais idosas que convivem com eles. A defasagem muito marcada entre uma fé teórica e uma fé vivida. O enorme número de vidas insignificantes pela ausência de radicalidade. Dificuldade de descobrir um Deus pessoal nos outros, apenas um Deus teórico. Facilidade com que se duvida e se abandonam os princípios e os valores. A falta de unidade na Igreja e nas comunidades: a fraternidade é importante. A amplidão da tarefa a ser executada: dar a fé ao mundo inteiro. A influência de outros jovens dos meios estudantis. O relativismo da fé: falta de princípios. Todas as idéias paradoxais que circular (S-3).

A institucionalização: o Instituto e a Igreja institucionalizada e burocratizada parece-lhes se opor à uma evangelização autêntica e aos convites à fé e à confiança dos jovens.

Certos excessos nos tipos de engajamento e de tomada de posições: é a absolutização dos valores (S-4).

Todo o exterior da Igreja é motivo de desvio para alguns. As estruturas de autoridade que vieram do passado. Grande dificuldade, quando descobrem em religiosos mais idosos, a relutância e a repulsa em aceitar a renovação atual, a oposição à qualquer mudança, a ausência de autenticidade (S-5).

A falta de caridade, por palavras e por atos, dos seus antepassados; um comportamento pessoal que parece contradizer uma vida de oração levada pelas religiosas; uma maneira rotineira de rezar; falta de espontaneidade na participação das tarefas religiosas domésticas; as restrições que o meio impõe à livre manifestação dos sentimentos interiores (S-6).

A ausência de fé que, em geral, caracteriza o mundo cristão de nossos dias. A falta de comprometimento e de autenticidade que parece revelar a vida de certos religiosos. O peso do legalismo e das estruturas institucionalizadas. A falta de atenção ao que dizem acreditando ser importante (S-7).

4. O que representa a Igreja Católica na vida dos jovens?

Uma instituição muito estruturada, influenciada pelas culturas pós-cristãs. Se vista interiormente: um conjunto agitado de lutas em busca de unidade. Os jovens sentem que as ações falam mais alto do que as palavras. Em nível local, poucos são aqueles que já viram uma comunidade de oração do Povo de Deus (J-1).

A Igreja institucional, em sua totalidade, não representa grande coisa nem coisa muito importante. A Igreja viva em seus membros, num ambiente restrito, numa comunidade cristã, diz muito e realiza de fato alguma coisa. É através do povo que pode exprimir sua fé que se encontra a Igreja e pode ser sentida (J-2).

Comunidade e estrutura, que fizeram isto que sou, cujas imperfeições me fazem sofrer e me convidam para progredir com ela. A organização é um obstáculo ao crescimento dos jovens hoje. Não se sente Jesus Cristo. Sente-se uma lei dada por legisladores e que frustra os jovens (J-3).

Não tem importância nem significação. É uma entidade rodeada de estruturas institucionalizadas (J-4).

- a) Preferível uma estrutura maleável à um departamento rígido.
- b) Um engajamento pessoal numa comunidade cristã.
- c) Há uma dicotomia no povo cristão: despertamos para as necessidades da Igreja local e muito pouco ou nada em nível de Igreja universal (J-5).

Para a maioria, a Igreja é uma instituição arcaica, autoritária, fortemente jerarquizada; para outros, é um refúgio de salvação. Alguns encontram nela orientação e sentido para a própria vida. Ela proclama um evangelho de amor e de serviço aos pobres que são valores opostos aos atuais da sociedade. Encontram-se na Igreja pessoas profundamente marcadas pela dedicação.

Como um corpo jerarquizado e centralizado, a Igreja se apresenta aos jovens muito estruturada, muito dominadora pela autoridade e pelas formalidades. Frente a isto os jovens hesitam profundamente.

Reconhecem também, ainda, seu valor como veículo do ensinamento de Jesus Cristo e como agrupamento de irmãos e de irmãs sob o amor paterno de Deus. Eles apreciam grandemente este papel e esta função, sobretudo ao nível de Igreja local (F-1).

Um grande "navio" cheio de estruturas que sufocam a vida. Muito prudente para se expor aos riscos. Uma cumplicidade que emperra e não acompanha a vida. Possui uma visão muito "rica" para que todos os povos possam se sentir à vontade (F-2).

Com frequência vêem a Igreja como um organismo do qual não fazem parte. Muita insistência sobre a Igreja estrutural e muito pouca com a presença de Cristo. Uma estrutura organizada e inflexível que contribui muito pouco para o lou-

vor de Deus hoje. Começam a sentir a Igreja como um lugar propício par experiências comunitárias (S-1).

O que querem dizer os jovens quando falam da Igreja? O que representa a palavra Igreja para eles? Não representa uma grande coisa. Estão longe da verdadeira resposta. Não dimensionam bem o Corpo Místico de Cristo em sua amplitude. A Igreja célula é mais significativa do que a Igreja em seu tamanho natural. A Igreja local é a Igreja universal para eles. Uma Igreja muito poderosa e insuficientemente pobre. Temem uma Igreja triunfalista (S-3).

É um mistério o Corpo de Cristo. Consideram que o apostolado da Igreja deve ser exercido junto dos pobres, em todo o sentido da palavra. Sonham com uma Igreja ideal e sentem que isto é apenas uma figura, uma sombra, um sonho. Suas dificuldades voltam sempre para a Igreja instituição (S-5).

Para a maioria, o termo **católico** comporta uma feição limitativa:

significa estruturas numa sociedade fundamentada sobre si mesma; significa atitudes pouco abertas, pouco cristãs. A Igreja para eles devia ser antes um corpo vivo, uma comunidade que engloba a humanidade inteira (S-6).

A Igreja é percebida mais como comunidade local, grupo paroquial a que se associam, do que em seu aspecto universal. Admite que não é necessário que todos lhe pertençam e reivindicam a liberdade de escolher a sua Igreja. Consideram a Igreja muito jurídica, muito formalista nas suas leis e sacramentos, mas a consideram também como uma fonte onde se encontram a verdade e a segurança (S-7).

Os jovens configuram o povo de Deus dentro de uma visão ecumênica e não numa dimensão de Igreja católica. A palavra católica é menos que a palavra cristã. Abandonam a Igreja desde o dia em que alguém procura convencê-los sobre a verdadeira feição que ela precisa ter (S-2).

5. Como os jovens vêm as outras comunidades cristãs?

Grande interesse pelas religiões orientais e pelas novas tendências radicais, como por exemplo, **Jesus People**. Os jovens não diferenciam bem as diversidades das confissões cristãs, nem entendem porque não podem rezar juntos. Todas estas comunidades lhes parecem voltadas igualmente para o desenvolvimento de seus membros e para a aproximação de Cristo (J-1).

Nesta mentalidade não há lugar para distinções. Todos vivem a mesma essência: Cristo. Aceitam todas as demais confissões cristãs e desejam uma grande aproximação. Favorecem a possibilidade de encontros não somente com outras comunidades cristãs, mas ao nível de todos os homens, quaisquer que sejam, também os não crentes (J-2).

Fraternalmente e com respeito, de maneira aberta. São nossos irmãos em Jesus Cristo. Acreditam na diversidade dos valores do Cristo que se manifestam também nas diversas confissões cristãs. Cristo age também nas outras comunidades cristãs (J-3).

Não hesitam e não temem comprometer-se com as comunidades cristãs. Procuram os pontos comuns para a unidade. Melhor conhecimento das demais comunidades cristãs e dos pontos que unem e não daqueles que separam. Na linha dos textos mais abertos do Vaticano II, compreendem a Igreja em seu sentido mais abrangedor (J-4).

Reações muito variadas: **indiferença** porque as estruturas são desatualizadas. Refúgio para os sentimentais. As diferenças são insignificantes. Todos pertencem a mesma família. **Admiração:** são mais humanos, mais próximos de Cristo e da Escritura. **Falta de admiração:** são pouco exigentes e não oferecem nada de preciso e útil para a nossa fé (J-6).

Formulam, geralmente, mais críticas à própria Igreja que às demais confissões cristãs. Olham para estas com interesse e simpatia convencidos de que a Igreja não é o único caminho para a salvação. Muito à vontade em suas atividades interconfessionais, apreciam as celebrações ecumênicas e os esforços conjuntos no campo da pastoral (F-1).

Estas igrejas lhes parecem mais simples, mais perto dos pobres, mais compromissadas com uma ação

concreta para responder às necessidades do povo hoje. Mais perto da vida (F-2).

Mais abertos do que os anciãos, os jovens acreditam num verdadeiro cristianismo e respeitam a ação ecumênica, porque não acentuam os mesmos valores, as mesmas estruturas. Têm o sentimento de que todas as confissões cristãs evoluem para uma comunidade mais íntima pela ação das Sagradas Escrituras (S-1).

Todas as confissões são válidas como a Igreja Católica (S-2).

Com grande simpatia. Pensam do mesmo modo que nós, por que então distinções? Reconhecem que tais comunidades descobriram Cristo. Uma pessoa bem perto deles. Gostam de citar os fatos edificantes das outras Igrejas. O sentimento de fraternidade é muito acentuado. Todos somos diferentes apenas pela história. As outras Igrejas são mais humanas, mais minuciosas, menos direitistas, menos poderosas. Sentem-se embaraçados e confusos diante de outras comunidades (S-3).

Com muita simpatia. Sentem atraídos para as confissões que manifestam Cristo. Não hesitam em rezar com estes cristãos nem de participar das cerimônias protestantes. São propensos a aceitar a teologia das outras Igrejas. Detestam toda forma de divisão. Buscam algo mais longe do que um denominador comum (S-5).

Com muita simpatia, um amor visível e muito sentimento de fraternidade. Interessam-se por determinados grupos, como os Pentecostais,

e desejam se associar a outras denominações cristãs (S-6).

São severos com respeito a grupos fanáticos, como as Testemunhas de Jeová. Respeitam as inter-

6. Quais os aspectos da Igreja que os jovens gostariam de fazer evoluir?

O aspecto total de estrutura-que-oprime-as-pessoas. A liturgia muito institucionalizada para dar lugar a gestos mais significativos. Muitos conceitos, definições e regras de moral. O papel do padre, a inserção dos religiosos, a estrutura autoritária. A vitalidade mesma da Igreja. Os jovens querem ver a Igreja como a "esposa preparada", sem defeito algum (J-1).

O que é realmente prioritário é que a Igreja seja, de fato, uma comunidade de crentes e não apenas uma comunidade de palavras. Não faça acepção de pessoas, partilhe, dialogue com todos os homens. Mais simplicidade. Muita jerarquia, protocolo, burguesia, riqueza etc. que escandaliza. Derrubar os muros levantados por um Direito Canônico ultrapassado, não adaptado às necessidades de nossos tempos. Exemplo: o relacionamento dos noviços e professos na casa de noviçado (J-2).

Desaparecimento das estruturas, engajamento dos leigos na pastoral. Viver de preferência o seguimento de Cristo. Passar da mentalidade do Antigo Testamento para a mentalidade do Novo. Viver a pobreza. Não há mais pobreza espiritual. Os

padres mais próximos do povo comum. Uma caridade mais concreta nas ações (J-3).

Todos os aspectos impessoais e anti-pessoais. O aspecto hierárquico. A Igreja precisa ser ela mesma, atenta às pessoas e às situações sociais ao seu redor. Dentro da comunidade cristã, a necessidade de um conhecimento mútuo e recíproco das pessoas (J-4).

Tornar-se menos jurídica e mais evangélica. a) Que para além do fazer ou do não fazer, chegue-se aos aspectos da presença de Cristo no meio do povo. b) Que as estruturas da Igreja em lugar de tentar forjar a unidade, favoreçam antes os encontros de cristãos. Que não se recuse um casal que vive no direito comum o acesso à comunhão. c) Que os padres que ensinam não pensem que a sua opinião seja o ponto-de-vista da Igreja. d) Que cada um se convença dia-a-dia mais que a Igreja é uma tarefa de todos: ricos, burgueses, pobres (J-5).

1. Ao lado das estruturas burocráticas que emperram a inserção verdadeira do clero local no meio do povo, uma participação maciça dos leigos nas tarefas da Igreja. Uma celebração dominical que seja

uma íntima reunião de família, sem eliminar a beleza dos ritos e o seu conjunto grandioso. 2. Na busca da fidelidade a Cristo e de autenticidade, deploram que as estruturas favoreçam uma imagem de riqueza e de triunfalismo. 3. Para os jovens estas são as atitudes profundas que levarão à mudança (F-1).

Presença junto dos pobres; partilha dos ricos. Comprometimento mais profundo dos dirigentes; compreensão mais atenta dos problemas atuais e mais reação frente à realidade da esperança em Cristo. Procurar conjuntamente a verdade e a confiança recíproca (F-2).

Certos aspectos da vida matrimonial e da vida religiosa. Estruturas, limites paroquiais. Todo aspecto de rigidez e de disciplina; mais espaço para as experiências nos diversos ministérios; sacudir o **establishment** que parece controlar a Igreja. Maior interesse pelo bem-estar espiritual (S-1).

O aspecto administrativo. Querem estruturas mais simples, mais humanas, mais conciliantes, mais adaptadas. Que a Igreja seja realmente serva dos pobres. Suprimir o aspecto instituição por uma Igreja espiritual; comunidade de base. Ser uma Igreja mais próxima do povo e praticamente sem lei. Querem que se corrija e se fale com fundamento, mas que as pessoas

sejam respeitadas. Uma liturgia que fale mais forte e cativa toda pessoa. Fale-se mais de Jesus Cristo (S-3).

Os jovens têm ânsia que se apliquem os belos princípios de pobreza e de justiça social para que a Igreja se converta realmente numa Igreja de pobres. Querem que ela reflita o evangelho conforme o gosto jovem. Suspiram para que ela se preocupe com questões importantes e não de bagatelas como: o hábito religioso ou comungar de mãos dadas ou não. Estão dispostos a mudar toda a organização da Igreja em Roma; que o bispo seja considerado como um membro da Igreja Local. Desejam relacionar-se mais com a jerarquia (S-5).

Gostariam que a Igreja se saciasse menos de coisas: ritos, presenças, leis e mais de pessoas. Desejam maior exercício da criatividade pessoal. Gostariam que fossem suprimidos os regulamentos e as leis dispensáveis para que fosse um convite prático a viver o evangelho de maneira mais radical (S-6).

As estruturas jerárquicas. A Igreja dá muitas normas. Querem que deixe os cristãos mais livres para iniciativas litúrgicas e para seguir os ditames da própria consciência. Gostariam que a Igreja se mostrasse mais humana ao julgar e considerasse particularmente a geração que vive depois do Vaticano II (S-7).

A MESSE É GRANDE

A sua primeira tarefa
é colaborar na construção
de uma comunidade de irmãos.
Ela é a condição e o efeito
daquilo que celebramos na Eucaristia.

Na sua comunidade, começa a realidade
de uma nova humanidade
onde as cicatrizes multiformes
de nossa existência humana
e de nossa convivência são santificadas
e curadas.

A comunidade não existe para si mesma.
Se é realmente evangélica, ela o
orientará e o libertará, mais e mais,
para o serviço do povo de Deus.
Ela é um elemento ativo
na construção do Reino de Deus.

A partir da comunidade,
Deus o empurrará para que
concretize a sua boa nova
de reconciliação e de unidade
entre os homens.

Na oração comunitária e pessoal,
ressoará tudo o que você experimenta
diariamente: o sofrimento
e a alegria de todos os que encontra.
Você é chamado a estar no mundo,
sem ser do mundo.
Se o sal perde o sabor,
para nada mais serve.

Portanto, não rejeite o mundo,
não se distancie dos homens,
mas, dê-lhes seu amor libertador,
como Jesus lhes deu.

Onde, porém, o mundo é só soberba,
concupiscência da carne,
aí convém você fugir.
Se amar este mundo,
não poderá ser amigo de Deus.

A sua única ambição será
pregar a boa nova da liberdade,
da justiça e do amor,
por palavras e obras.

Use, para isso, os meios mais eficientes,
sem pensar que possam substituir
a graça de Deus.

Pode escolher seu trabalho,
porque em qualquer um,
poderá viver como religioso
e testemunhar o Senhor.

Descubra, você mesmo,
o seu melhor campo de trabalho.
Seja criativo e dedicado.
Deus abençoa os riscos
que tomamos por causa dele.

Na escolha de seu trabalho,
poderá encontrar as consequências
para a sua vida comunitária,
como também, para as necessidades
da Igreja local.

Por isso, troque sempre idéias
com os outros,
evitando conflitos desnecessários.

Nunca esteja sozinho no seu trabalho:
aproveite das ocasiões,
dos conhecimentos, das experiências
e dos contatos com seus irmãos.
Seja um bom companheiro, interesse-se,
ajude-os, onde puder.

O amor de Cristo não o deixe em paz.
Seu trabalho não é uma fuga na atividade,
mas uma participação na construção
do corpo de Cristo.

Você poderá conseguir isto somente
a partir de uma ligação muito íntima
com Ele,
na pureza do coração
e na generosidade.

Não é preciso trabalhar numa equipe
fixa e dentro do esquema
de um contrato de trabalho.

A comunidade
oferece-lhe a possibilidade preciosa
de "escolha" e de criação
em benefício do Reino de Deus.

Se pensar em ser chamado
ao diaconato ou presbiterato,
você almeja algo de bom.

Considere isto como escolha preciosa
e como uma missão
cheia de responsabilidade.

Será sua tarefa
— em nome do Senhor —
guiar e ensinar seu povo,
santificá-lo e instruí-lo no espírito.

Isso lhe pede uma ligação obediente
com o bispo e uma união,
em colegialidade,
com os outros sacerdotes.

Se for chamado ao diaconato
ou presbiterato,
isto significa um novo apelo à santidade
e ao amor do Senhor e de seu povo.

**Capítulo IX do livro Regra para
um Novo Irmão, traduzido do ho-
landês Regel voor een nieuwe broe-
der, Brakkenstein, Holanda. Comu-**

**nidade Anchieta dos Irmãos de Nos-
sa Senhora, Mãe de Misericórdia,
Caixa Postal, 1632
30.000 Belo Horizonte, MG**

A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA AJUDA OU OBSTÁCULO NA ESCOLHA DA VIDA RELIGIOSA?

PE. JOSÉ MASSON, SJ

Para definir bem o conteúdo deste tema é indispensável apresentar dois esclarecimentos:

Primeiro. A resposta não será formulada a partir de um plano de reflexão teológica, ou seja, a partir de princípios. Nem a resposta virá de um plano reflexivo de alguém que já vive a vida religiosa onde pôde amadurecer e sintetizar sua vocação pessoal. Não fique dúvida quanto a isto.

O Decreto *Ad Gentes* traça o retrato espiritual que o missionário deveria plasmar em si mesmo. Em primeiro lugar, as mesmas virtudes que são a matéria dos votos religiosos: pobreza, obediência e (salvo o raro caso de um missionário leigo casado) castidade. Ao mesmo tempo, um grande espírito de comunidade, espírito comunitário.

Reciprocamente, o Decreto indicou que a “perfeita caridade”, fundamento da vida religiosa é, em si mesma, universal e compreende, portanto, o espírito e a ação missionária. Muitos outros textos conciliares confirmam esta compenetração da vocação missionária e da vocação religiosa.

Nosso tema, entretanto, se configura de outra maneira. Não parte de princípios, mas de situações concretas. Podemos expressá-lo assim: Hoje, segundo a mentalidade dos jovens, tais como eles são, e enquanto buscam o seu caminho, o seu destino, a idéia de fazer-se religioso e de fazer-se missionário são harmoniosamente aparentadas? Ou, pelo contrário, são nitidamente desvinculadas?

Expressando-me de outra maneira: Quando a idéia missionária nas-

ce num jovem, antes de uma decisão definitiva, esta idéia o estimula a fazer-se também religioso? Esta é a nossa questão exata, o seu cerne.

Segundo. Esta mesma questão pode ser proposta de maneiras diversas e pode incluir intenções distintas. Alguns podem pensar que os Institutos religiosos possam servir-se do ideal missionário como instrumento e meio para atrair os jovens à vida religiosa apresentando-a como inseparável da vocação missionária.

Um tal modo de pensar, se não existiu nem existe, saibam todos, entretanto, que é contrário à natureza da vocação missionária, se se considera a vocação missionária em sua plenitude e em seu caráter específico.

O texto **Ad Gentes** afirma explicitamente que, segundo as diversas pessoas, o ideal missionário pode perfeitamente realizar-se, seja debaixo de uma forma não sacerdotal, seja debaixo de uma forma sacerdotal, seja debaixo de uma forma

leiga, seja debaixo da forma religiosa. Ademais, em algumas circunstâncias, o laicato se revela como a forma mais indicada e, algumas vezes, a única possível.

E ainda: um jovem que tem vocação missionária e é atraído para a vida religiosa sem examinar suficientemente sua idoneidade, poderia descobrir mais tarde sua inadaptação para esta vida. Em tal caso, deveria abandoná-la para encontrar, na paz, outra forma missionária adaptada. Uma tal situação seria lamentável.

Conclusão. Quando examinamos aqui a contribuição que o ideal missionário proporciona ao nascimento da vida religiosa, examinamos tal contribuição sem estratégia alguma, apenas de uma maneira descritiva e objetiva. O que perguntamos é isto: como os jovens percebem hoje os elementos os motivos da vocação missionária? Quais os elementos que afastam da vida religiosa e quais os que orientam para ela? Assim ficam bem sublinhadas as duas partes desta reflexão.

I. O QUE AFASTA DA VIDA RELIGIOSA

Primeiro. Algumas dificuldades gerais são um obstáculo tanto para a vida religiosa como para a vida missionária. Em primeiro lugar uma **diminuição de fé** nas relações e nas verdades essenciais que condicionam toda vocação religiosa.

O número 33 da revista **PRO MUNDI VITA** apresenta as conclusões de algumas pesquisas sobre a proporção dos jovens que crêem em

Deus. Nos Estados Unidos, de 1948 a 1968, esta proporção baixou de 79% para 58%. Na França, os jovens que não acreditam aumentaram de 13% para 24%, de 1948 a 1970. A Bélgica sofreu um fenômeno muito parecido. Em proporções mais ou menos paralelas, isto se deu em todas as partes do mundo.

Segundo. Uma segunda dificuldade geral é o realismo técnico-hu-

mano materialista que leva os jovens a pré-julgar todas as carreiras e a escolher entre elas a partir do ponto-de-vista da **eficiência, do rendimento, do efeito imediato e visível.**

Dois milhões de jovens foram interrogados sobre as profissões que contribuem para o maior progresso do mundo.

72% indicaram os sábios.

36% os professores.

16% os sacerdotes.

Quanto aos religiosos, o questionário nem os considerou. São dificuldades profundas, porém, não enfocam especificamente nosso problema.

Terceiro. Se passarmos a outras dificuldades mais precisas, encontraremos de imediato, a **pobreza**, ou seja, o modo como os Institutos a vivem. Para os jovens de hoje, a luta contra a pobreza, especialmente nos países subdesenvolvidos é uma das exigências mais urgentes da atividade missionária. Para eles esta luta se concretiza em dois movimentos:

- Abandonar o partido e as facilidades dos ricos.
- Procurar, de verdade, por todos os meios possíveis, uma vida decente para os pobres.

É a partir desta preocupação que a juventude examina os Institutos e as Congregações. E em muitos deles não descobre entre os religiosos que vivem a vida religiosa, uma atitude que corresponda a esta preocupação pessoal deles.

O espírito de aceitação do estado de pobreza, como riqueza mística, proposta em princípio pela vida religiosa, não impressiona os jovens porque a necessidade mais urgente para eles é eliminar a pobreza. Por outra parte, não obstante esta profissão, não acreditam que todos os Institutos tenham abandonado o partido dos ricos. Pelo contrário, acham que o lugar onde se encontram bem é entre os ricos. Também nas missões. E, às vezes, até mais. Estes Institutos parecem duvidar frente as alternativas realistas de como proceder para ajudar os pobres.

Certos jovens, quem sabe sejam até numerosos, pensam que a vida de um missionário leigo, pessoalmente submerso nas penúrias e nos problemas de uma aldeia pobre ou de uma tribo é realmente mais pobre do que a vida de muitos religiosos e missionários, sujeitos a um voto de pobreza, mas que vivem como ricos do povo.

Quarto. Para muitos, o celibato religioso é apenas um pretexto, um esquivar-se frente a vida, uma coibição. O religioso com o voto de castidade, e o missionário também, vive praticamente alheio ao problema do Terceiro Mundo: problema de população, problema de família, de necessidade de ter com que sustentar outras pessoas com seu trabalho. Com o voto de castidade, o missionário fecha-se a toda possibilidade de contribuir para a multiplicação tão necessária de famílias cristãs no meio das não-cristãs.

Quinto. Quanto à **obediência**, dizem os jovens, ela mata o espírito

de iniciativa indispensável ao missionário em muitas ocasiões. Impede inserir-se no meio ambiente, sem o que ninguém pode dizer-se irmão de todos os homens, totalmente dedicado a eles.

Esta dificuldade, presente cada vez que se trata da obediência, encontra sua forma radical nestas palavras que os jovens repetem: "Num tempo como o nosso, tão caracterizado por mudanças, todo compromisso perpétuo e incondicional, não somente é difícil mas é ainda pouco razoável."

A obediência, vivida nas suas formas tradicionais, se revela para os jovens generosos e independentes como um bloqueio, uma fixação **a priori** que torna difícil, senão impossível, a **flexibilidade** individual e coletiva, necessária para trabalhar em nosso tempo. Tempo de mudanças rápidas e imprevisíveis. É mais do que em qualquer outro lugar, nos países de missão.

É claro que as dificuldades que acabo de elencar não se apresentam todas em cada caso, nem estão sempre presentes de maneira nítida. Porém, há jovens responsáveis e que levam a sério seus compromissos. Também não queremos dizer que estas dificuldades sejam as únicas nem que sejam totalmente verdadeiras. Cremos, entretanto, que são frequentes e que nos devem fazer pensar profundamente sobre a reforma dos Institutos, não apenas nisto que enfocamos agora, mas em toda a vida real inclusive no exemplo que apontamos.

O problema é geral. Não existe só na vida religiosa e na vida mis-

sionária. Todavia, ele está presente de maneira mais acentuada na vida religiosa e em **toda** vida apostólica de nossos dias. A questão central é esta: as estruturas da vida religiosa, criadas para sustentar e reforçar o impulso da caridade para Deus e para os homens, em circunstâncias eventuais, não interceptam à caridade, a espontaneidade, a disponibilidade para o seu exercício, sobretudo, em terras de missões?

Não pretendo entrar em detalhes numerosos, mas não posso deixar também de sublinhar três de importância inegável:

- Desconfiança dos jovens a respeito das grandes comunidades.
- Desconfiança com respeito a regras e horários muito rígidos.
- Desconfiança com respeito ao hábito religioso.

Para muitos dos futuros missionários, estes pontos se apresentam pouco indicados para o apostolado **ad gentes**.

Desconfiança deste gênero constitui alguns dos motivos pelos quais, jovens que desejam ser totalmente **disponíveis**, tanto para mudanças como para continuidade, se orientam para grupos **menos estruturados** e mais em contato com a realidade de cada dia que nos relaciona com a vida dos não crentes que precisam ser evangelizados.

Não está claro nos documentos da Igreja sobre a vida religiosa, excelentes para os religiosos, o que seja capaz de dissipar e enfrentar

as dúvidas dos candidatos à esta vida. A recente exortação **Evangélica Testificatio**, que parte dos princípios, não desce a este nível, exceto

em algumas observações e passagens sobre a pobreza. É muito possível que se deva falar aos jovens de maneira mais concreta.

II. O QUE APROXIMA DA VIDA RELIGIOSA.

Seria errôneo parar nas dificuldades e não indicar os aspectos positivos, as convergências recíprocas da vida religiosa e da vida missionária. É certo que os jovens podem encontrar na imagem da vida religiosa, e muitos o encontram realmente, uma série de aspectos positivos e de valores que os ajudam em seu ideal missionário. É necessário reconhecer que a descoberta e a estima destes valores requerem maturidade. Será, portanto, menos freqüente que a crítica dos elementos negativos. Não se esqueçam que falamos de **jovens que buscam seu destino, seu caminho**, seu futuro e não de jovens já engajados, que estão dentro. Parece ser a estes que ainda não damos bastante ouvidos.

Algumas vezes a descoberta dos elementos positivos far-se-á através de experiência prévia de um contato com o Terceiro Mundo, num serviço técnico leigo. Contaram-me esta história a respeito de três rapazes. Depois de certo tempo no Terceiro Mundo, em tarefas sociais, sentiram insatisfação. Não encontravam nestas tarefas suficiente riqueza espiritual para retransmiti-la aos demais juntamente com os conhecimentos científicos. Por outro lado, não conheciam fora da vida religiosa ambiente suficiente para sustentá-los em suas dificuldades. Os três se fizeram religiosos.

Este pequeno episódio nos mostra uma possível saída: É possível que, para muitos jovens insuficientemente maduros, um período prévio de trabalho, a serviço dos leigos, seja necessário para que possam descobrir os valores que um trabalho profundo subentende e se conscientizem de que estes valores podem se encontrar na vida religiosa. Consequentemente, um compromisso leigo temporal, bem escolhido e orientado, pode ser mais eficaz do que uma entrada imediata para o noviciado. Dever-se-ia aconselhar este caminho e esta trajetória para muitos jovens generosos.

Esta espécie de pré-noviciado poderá ser eventualmente diminuído e até suspenso, se os candidatos são homens formados, ou embora jovens, tenham encontrado um sacerdote, um pai, u'a mãe, uma religiosa, um leigo, capazes de acolher seu desejo, embora confuso, e fazê-lo germinar.

Quase sempre os missionários e as missionárias escolheram a vida religiosa como a estrutura de fundo de sua vocação missionária.

Agora precisamos nos perguntar:

- Quais as exigências do ideal missionário que, bem compreendidas, levariam os jovens como eles são, a escolher a vida religiosa?

E inversamente:

- Quais seriam os elementos da vida religiosa capazes de atrair os jovens e de fazê-los dizer: "Para se chegar a esta realização missionária que desejo, a vida religiosa é o melhor instrumento?"

Primeiro. O primeiro valor real aos olhos dos jovens é que o **Instituto projete uma imagem bem clara de si mesmo**, de seu fim, de suas metas essenciais. Em qualquer escolha missionária é preciso concretizar muito bem os estilos distintos de compromisso. O jovem é levado a considerar tal Instituto como digno de sua preferência, na medida em que o Instituto apresenta uma imagem sólida e clara de sua convergência como o seu ideal missionário.

Esta afirmação parece estar provada pelos fatos, o número de vocações que se apresentam em certos Institutos, não imóveis, não estagnados, mas que souberam levar a cabo, com decisão, certas opções maiores e as realizaram com regularidade e perseverança.

Segundo. Se existe esta imagem, haverá ainda um outro elemento de atração. Mais do que nunca, em nosso tempo, porque a ação missionária se encontra frente a problemas novos e complicados, os jovens responsáveis (não os aventureiros que são a morte das missões) sentem necessidade e experimentam atração por um plano de formação bem definido. Se o descobrem num determinado Instituto, a escolha e a preferência estão garantidas. Um

plano bem definido, bem pensado, na medida do tempo e na medida da vocação missionária moderna.

Que se quer dizer?

A vocação missionária está orientada especialmente **ad gentes**, ou seja, "ad eos qui nondum credunt in Christum". Conseqüência: uma formação adaptada deverá ser rica e múltipla. Acrescentar ao aspecto espiritual, um acento particularmente apostólico, dar uma capacitação humana que ajude a atividade missionária, proporcionando ao apóstolo uma **ponte** para o meio ambiente não cristão, uma razão humana para perseverar.

Esta formação deverá ter meios para o desenvolvimento da personalidade humana e da responsabilidade, sem freá-las por temores infundados. Pode ser que o estudante mais dócil na casa de formação, mostre-se também, o mais passivo diante da ação, e o mais difícil venha a ser um apóstolo mais ardente e o mais bem dotado de iniciativa apostólica.

Um Instituto que entusiasma e vive experiências adaptadas, será considerado pela juventude, em busca de formação, como **interessante e aceitável**, para usar seu vocabulário. Já uma formação sólida, mas petrificada, repele e os afasta.

Terceiro. O terceiro valor muito importante e convincente aos olhos dos jovens é o **exemplo vivido** pelos missionários, membros do Instituto. Os jovens são muito perspicazes para descobrir.

● Se tal missionário encontrou, em sua vida religiosa, a plenitude

de seu entusiasmo e a integração de sua vida missionária.

● Se a convergência das duas normas de vida construíram uma felicidade e uma estabilidade fundamentais.

Aqui está um elemento psicológico de capital importância. Nietsche escreveu, dirigindo-se aos cristãos: "Se vossa fé vos faz felizes, mostrai-vos como tais. Vosso rosto (sombrio) prejudica mais vossa mensagem do que todas as vossas palavras possam revelá-la."

Se os religiosos querem, no sentido mais nobre da palavra, **atrair** os jovens que sonham com as missões, devem demonstrar por sua vocação missionária, no meio das dificuldades, no meio dos problemas, **um apego**, um amor tranqüilo, constante, indiscutível, fundamentado sobre forte convicção, sem esquecer o recurso a uma **oração sem fronteiras**.

Quarto. Esta última expressão nos leva a um novo aspecto. No projeto vivido pelo Instituto, atraí os futuros missionários, o **universalismo básico**. Os jovens estão acostumados a viajar pelo mundo afora, seja com as imagens da televisão, seja realmente e considerar os acontecimentos em dimensões cósmicas: Concílio Ecumênico, Reuniões das Nações Unidas, Olimpíadas, o homem chegando na lua etc. Qualquer empresa que não assumir esta dimensão mundial e cósmica é considerada pequena e de pouco interesse. O que conta, o que vale é a amplitude de visão da atividade. Institutos relativamente pequenos quanto ao número de membros podem atrair mais candidatos missio-

nários, do que outros maiores em unidades numéricas, porque neles se "respira o mundo inteiro".

Quinto. Um último elemento positivo: **o radicalismo na realização dos compromissos assumidos**. Aqui está a razão das vocações missionárias **mais absolutas**. De solidão ou de contemplação ou entregues, sem reservas, ao povo escolhido e amado, freqüentemente entre os mais pobres e abandonados deste povo.

Estes elementos que enumeramos são os que revelam mais atraentes para os jovens responsáveis e sérios. São os jovens menos jovens. Não é impossível que desde a escola, com a orientação de um homem espiritual, de um religioso de verdade, cheguem a descobrir estes elementos, este parentesco espiritual que une a vida religiosa à vida missionária. O caminho para esta síntese, reportando-nos a algumas pesquisas, pode se bifurcar em dois sentidos:

- Ou se parte de uma vocação religiosa geral para terminar num projeto missionário. Parece ser o mais freqüente nas vocações de irmãos e de irmãs.
- Ou se parte de uma vocação missionária para se chegar à escolha de uma forma religiosa. É o mais comum tratando-se de vocações sacerdotais.

Algumas vezes a base destas pesquisas é pequena para permitir a generalização das impressões levantadas. Por outro lado, importa mais o sentido. É o que se fazer aqui. Estes são os elementos que servem ou não entre os dois termos.

DOCUMENTANDO

1

VERDADEIRA E FALSA RENOVAÇÃO RELIGIOSA

Trechos da alocução de Paulo VI na audiência pública de 4 de julho de 1973. A íntegra do discurso está em "Osservatore Romano", 8 de julho de 1973, página 5.

Temos em confronto com esta hipótese negativa, a afirmação positiva do Ano Santo. A nossa religião, digamos mais precisamente, a nossa vida religiosa será renovada. Não pode passar despercebida a ninguém a importância de uma finalidade como esta, quer no diagnóstico interno do nosso modo consuetudinário de considerar e praticar a nossa fé, quer na previsão de um testemunho exterior de consciência e de força em relação ao ambiente novo, que a humanidade está a formar, para a sua futura existência.

A nossa atitude é, pois, uma tomada de posição, que vai além das vicissitudes do calendário. Ela apresenta-se em plenitude para a hora atual, fazendo explodir — se é lícito exprimirmo-nos assim — o conjunto de doutrinas e de preceitos que nos foi legado pelo Concílio.

E prevê, lucidamente, a hora do século novo, para o qual desejamos não uma arcaica e penosa sobrevivência da religião católica, mas um vigoroso e abençoado florescimento de cristianismo autêntico, contido, é claro, no seu próprio âmbito espiritual, mas orientador e animador do homem modelado pela palingênese dos tempos novos.

São idéias grandes, como vedes, que devem ser estudadas de novo com a seriedade de análises proporcionais à amplitude dos temas que elas nos apresentam e com as sábias sínteses que as condições históricas virão a sugerir.

Entretanto, indicamos, por nossa conta, algumas premissas que devem ajudar-nos a precisar o conceito de renovação, para a qual desde já orientamos os nossos pensamentos e os nossos passos.

Inovações perigosas

Antes de tudo, nem todas as mudanças têm para nós o valor de renovação. A mentalidade contemporânea é propensa a crer que mudar signifique inovar. Entendemos inovar no sentido de renovar, ou antes, de melhorar. Muitas das inquietações dos homens de hoje exprimem-se neste sentido: mudar significa para eles melhorar, libertar, progredir. Também este difundido estado de espírito que está na base de muitas conturbações culturais e sociais, mereceria um estudo apropriado. E seria muito vasto.

Aqui, limitamo-nos ao campo eclesial, para apontar a ousadia e a superficialidade com que não poucas pessoas lançam idéias de inovações perigosas e muitas vezes inadmissíveis, não só quanto às estruturas secundárias da Igreja, mas também quanto às constitucionais. Todas estas pessoas partem de uma idéia arbitrária da Igreja do futuro e prescindem, muitas vezes, das exigências de seu patrimônio doutrinal, acabando facilmente por gerar não uma renovação, mas um descrédito da norma tradicional da Igreja e por justificar a hipótese de uma nova e arbitrária imagem da Igreja que já não seria a que nos foi legada por Cristo.

A Igreja não poderá encontrar a sua renovação em fórmulas particulares e ilusórias de transformismo filosófico ou estrutural, mas na fecunda e original descoberta interior e tradicional dos seus princípios e das suas experiências históricas, de fidelidade e de santidade.

Assim, parece-nos que devemos estender desde já os braços para convidar e acolher aqueles grupos de espíritos fervorosos, que julgam inventar uma renovação religiosa totalmente pessoal, isolando-se da comunidade eclesial e, às vezes, até da sua comunhão, mas escondendo ciosamente a sua aberrante separação com o rótulo de um gratuito pluralismo católico, embora este rótulo esteja infelizmente separado da matriz, a Igreja, a verdadeira Igreja. Jovens (porque assim sois), vinde! Na casa paterna há muitos lugares e há lugar para todos os que desejam ser verdadeiramente fiéis.

E quanto deveríamos dizer daqueles que pensam na renovação da Igreja mediante um fácil conformismo às ideologias culturais, sociais, políticas do mundo profano e, às vezes, radicalmente hostil ao pensamento cristão!

As vias mestras da renovação

Limitamo-nos, agora, a indicar as vias mestras e diretas da renovação espiritual e moral, à qual aspira o Ano Santo.

A primeira via é indicada pelo Senhor: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" Jo 14, 6. O contato real, religioso, doutrinal e sacramental com Cristo ocupa o primeiro lugar, a fim de revigorar com a graça do Espírito Santo a nossa vida cristã. Isto sabe-se. Não o esqueçamos. A renovadora reforma litúrgica abre-nos esta vereda central; e a profundidade religiosa pessoal, à qual ela nos conduz, ga-

rante-nos que a renovação será fecunda, fácil e autêntica.

A outra via é esta: o sentido, ou melhor, a paixão pela verdade na formação interior e na profissão exterior da nossa fé. Sem a ortodoxia, sem a luz da palavra de Deus, aprovadas pela luz do magistério da Igreja, não alcançaremos renovação, mas desorientação nos labirintos de dúvidas renascentes, de hipóteses pessoais, de tormentos interiores.

A terceira via consiste na descoberta do "sempre novo", na prática da religião, porque é verdadeira,

inexaurível, misteriosa, e porque se baseia nas capacidades do homem. Também aqui seria demasiado demorado explicar como e porquê.

E depois, ainda existe uma via: trata-se da atualidade da Igreja e da sua concepção unitária e universal dos destinos humanos e da própria experiência constitucional vigente. Agora, porém, ficamos por aqui. Sentir-nos-íamos muito feliz se, com estas palavras, incutíssemos em vós alguma idéia, algum desejo, algum fervor, tendo em vista a renovação para a qual a Igreja nos guia e estimula.

2

A IDENTIDADE DO CRISTÃO

Paulo VI, no dia 18 de julho, falou aos fiéis na audiência pública sobre a identidade do cristão. A íntegra da alocução você encontra em Ossevatore Romano, 22 de julho de 1973, página 5.

O antigo catecismo começava com esta estranha pergunta, que parecia supérflua, como uma vela acesa sob a luz do sol:

— És cristão?

E a resposta era muito fácil, muito evidente:

— Sim, sou cristão pela graça de Deus.

Estas primeiras linhas da doutrina religiosa tinham, porém, dois méritos dialéticos que, para nós, ainda a tornam atual e sábia. Trata-se do mérito de ser posta em forma de diálogo, e o diálogo conserva hoje a sua plena validade no tema

religioso; e além disso, do mérito de tornar consciente aquilo que o hábito facilmente priva do seu caráter original e importante e faz aparecer óbvio e conatural.

Este esforço de pôr em evidência interior o fato de ser cristão assume hoje um significado novo, o significado, quase polêmico, de um confronto com o mundo circunstante que não é cristão, ou que, pelo menos, não se professa cristão. Encontramo-nos perante a questão, tão tormentosa nos nossos dias, da identidade do cristão, a qual agri-de a sua consciência em todos os níveis:

Quem é o cristão em última análise?

Quem é o fiel?

Quem é o católico em relação a quem não o é?

Quem é o padre?

Quem é o religioso?

Quem é o leigo?

Estas e outras perguntas semelhantes esperam uma dúplice resposta: uma, extraída da profundidade da própria consciência interior, que não podemos explorar aqui, prescindindo de uma realidade, a qual agora supomos incontrastável, a realidade religiosa, ou seja, o fato de pertencer à nossa religião católica. A outra resposta, pelo contrário, deve resultar do fato extrínseco, mas dominante, de pertencermos ao nosso tempo, à convivência social exatamente como a formam, a impõem, a transformam a atualidade do costume, da mentalidade e da moda do presente momento histórico-sócio-cultural.

E a definição, que uma pessoa dá de si mesma, oscila, hoje mais do que nunca, entre as duas respostas: sou filho da Igreja, isto é, filho adotivo de Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Mas sou e também me sinto filho de meu tempo. Evidentemente as duas respostas são complementares e, por isso, não será difícil fundi-las numa única consciência cristã moderna. Enquanto, porém, a segunda resposta se impõe por si, a primeira deve ser o resultado de uma reflexão, de uma descoberta, de um primeiro ato de fé sobre o nosso destino, pelo fato de sermos cristãos.

Que significa ser cristão

Agora, a nós interessa-nos, sob muitos aspectos, a primeira resposta. Que significa ser cristão? Gostaríamos que cada um de nós reexaminasse com espírito crítico esta preocupante questão do nosso silábico religioso.

A catequese apostólica exortamos repetidamente a fazer este exame introspectivo. Descobrimos imediatamente que a nossa personalidade é objeto de um pensamento divino antecedente e inefável: "Nele (Cristo) nos escolheu antes da constituição do mundo" Ef 1, 4. Portanto, uma vocação intencional ao desígnio divino da salvação domina o nosso destino. O nosso ser consiste em sentirmos que somos chamados: "Considerai, pois, irmãos, a vossa vocação" 1 Cor 1, 26. A vocação de serdes, como escreveu São Pedro, "raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido..." 1 Pdr 2, 9.

O primeiro alvor de nossa consciência cristã deveria consistir em possuir uma felicidade imensa, a felicidade de sermos elevados a uma incomparável dignidade. Haverá quem não recorde as solenes palavras lapidares de São Leão Magno: "Reconheces tu, cristão, a tua dignidade?" Devemos sentir-nos, ao mesmo tempo, cristãos e felizes. Sim, cristãos e felizes de o sermos.

A alegria de ser cristão

Quantas vezes nos é repetido e recomendado: "Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos" Flp 4, 4. Uma alegria inalterável é

componente necessária da psicologia cristã, mesmo nas adversidades e nas tribulações. "Estou inundado de alegria no meio de todas as nossas tribulações" 2 Cor 7, 4. E esta alegria não se atenua. Pelo contrário, adquire valor na própria expressão da humildade, que é perfeita na reconhecida verdade da desproporção entre a grandeza de Deus e a pequenez da criatura humana. Recordai-vos do Magnificat de Nossa Senhora (Lc 1, 46-55) e nem sequer desvanece, mas renasce, na confissão dolorosa das próprias culpas, "para que exultem os ossos que triturastes" Sl 50, 10.

Esta consciência de bem-aventurança existencial explica o motivo por que a expressão que mais fielmente interpreta a nossa condição de cristãos é dar graças a Deus, como fazemos no prefácio da missa e na Eucaristia, a qual significa exatamente ação de graças, onde traduzimos numa linguagem sacramental, operante no próprio Cristo, a plenitude de nossa identidade sobrenatural: "Já não sou eu que vivo, é Cristo quem vive em mim" Gál 2, 20.

Então, a vida cristã torna-se, porventura, também na nossa presente condição mortal, fácil e humana-

mente feliz? Oh! Não. O estudo sobre a definição de nossa realidade cristã levar-nos-á imediatamente (não agora) a encontrar outra componente do nosso destino e da nossa psicologia, ou seja, a dor, o sacrifício, a cruz. Neste momento, porém, contentamo-nos em reafirmar a primeira característica da nossa elevação cristã: a das dimensões ilimitadas do Reino de Deus, em nós, desde agora, Ef 3, 18.

E, por isso, devemos ter o vigilante cuidado de não ceder às insinuantes e arbitrarias ideologias daqueles que pretendem dar ao cristianismo uma nova interpretação, que prescindam do ensinamento da tradição e da teologia da Igreja, e que, pela força das circunstâncias, se oriente para o desvanecimento religioso de nossa fé. Assim, sabermos judiciosamente estar vigilantes em relação às correntes que, impregnadas de um abusivo espírito crítico, preconcebido e negativo, pretendem dessacralizar e desmitizar a religião católica. Bem cedo seria profanada não somente a nossa fisionomia espiritual e cristã, mas também a nossa fisionomia humana. Trata-se de um tema atual, sobre o qual se deve refletir.

LIVROS NOVOS

CREIO EM JESUS CRISTO HOJE, André Manaranche. Tradução do original francês **Je Crois en Jésus Christ Aujourd'hui** de Orlando dos Reis, Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 183.

André Manaranche é um dos escritores mais fecundos e de maior sucesso na atualidade da França. "Prêmio Natal 1968" com o livro **Je crois en Jésus Christ aujourd'hui**, tem blindado ao público com obras profundas e atuais como "L'homme dans son univers", "Prêtres à la manière des apôtres", "Y-a-t-il une éthique sociale chrétienne?", "Quel Salut?", "Franc-parler pour notre temps", "Un chemin de liberté", "Dieu vivant et vrai", "L'existence chrétienne".

Agora as Edições Loyola têm o prazer de oferecer ao público cristão brasileiro a seleção destas obras, que julgamos mais interessantes: "Creio em Jesus Cristo hoje", "Caminho de liberdade" (um estudo sobre a vida religiosa). "Existe uma ética social cristã?" (sobre a Doutrina Social da Igreja), "Que salvação?" (estudo sobre o desti-

no do homem), "Deus vivo e verdadeiro" (que mostra Jesus como resposta atual aos problemas fundamentais da vida, do amor e da morte).

Acreditamos que o sucesso no Brasil destes temas nos obrigará a publicar as outras obras do mesmo autor.

Da mesma Editora e do mesmo autor:

EXISTE UMA ÉTICA SOCIAL CRISTÃ? Tradução de Giovani Dell'Anna do original francês **Y-a-t-il une éthique sociale chrétienne?** Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 232.

CONSTRUTURA, revista de lingüística, língua e Literatura. Departamento de Letras. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. Ano I, número 1. Março 1973. Editora FTD. Para mais informações dirigir-se à: Construtura, rua XV de Novembro, 1004. 80.000 Curitiba, Paraná.

É tempo de Universidade. A pesquisa, promovida pelo crescente anseio de criatividade, impele o mundo para novos horizontes. Os centros de ensino

superior, unindo professores e alunos, buscam aplicar a ciência à vida de todo o dia. Atendendo a esta dinâmica de descoberta, o Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná, lançou-se também à conquista do futuro.

Uma década de pesquisas no campo da lingüística assegurou-nos novos métodos e novas técnicas de entrada na ciência e na arte da linguagem.

É tempo de comunicação. **Construtura**, uma revista que se abre a todas as pesquisas sérias das equipes de letras de Brasil. Importa a todos buscar a verdade, nunca impô-la como um pertence exclusivo de alguém.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS. EVANGELHO DE SÃO LUCAS. EVANGELHO DE SÃO JOÃO. Edições Paulinas. Ano 1973. Tradução do texto original da Ana Flora Anderson e Frej Gilberto da Silva Gorgulho. Coleção DEUS FALA HOJE.

Esta tradução quer ser uma ajuda para todos aqueles que trabalham na evangelização do Povo de Deus. Todos procuram um texto português que seja ao mesmo tempo bastante fiel ao original grego e também compreensível pelo povo. Fazer uma tradução nestes moldes é uma tarefa muito difícil.

As Edições Paulinas apresentam esta tradução esperando que todos que a usarem enviem suas observações e correções. Se quisermos ter um dia uma tradução que de fato seja digna do povo é necessário que o próprio povo participe ativamente deste trabalho.

Estes quatro evangelhos são dirigidos primeiramente aos Ministros da Palavra da Arquidiocese de São Paulo. Mensalmente receberão um material de estudo que seguirá cada evangelho, sugerindo um roteiro de reflexão e de aprofundamento. Que estas reuniões mensais se transformem num instrumento de formação contínua e de evangelização.

SABER ENVELHECER, Alfons Deeken. Tradução do original inglês **Growling Old**, de Carmen Maria T. de Lyra. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 84.

Este livro mostra como a idade madura e a velhice podem ser, numa vida humana, anos de grande produtividade, sabedoria, discernimento, fé. O autor se baseia na sua experiência no Oriente, onde as pessoas idosas são membros respeitados da sociedade.

Um livro também muito prático, apresenta sugestões para enfrentar os problemas da idade, desenvolver o respeito de si mesmo, lidar com as contrariedades, dores, imprevistos, solidão. A velhice pode ser um tempo de alegria.

Já traduzido em, pelo menos, seis línguas, continua sendo um **best-seller** nos Estados Unidos.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

O CLERO E A INDEPENDÊNCIA, Dom Duarte Leopoldo e Silva. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 232. São conferências patrióticas feitas por ocasião do primeiro centenário da Independência do Brasil, sublinhando a contribuição da Igreja e do Clero na formação

da pátria brasileira e nas lutas pela emancipação. Foram reeditadas no ano sesquicentenário da Independência do Brasil. **IMMENSÆ CARITATIS**, a instrução da Sagrada Congregação dos Sacramentos sobre a Comunhão Sacra-

mental, Ed. Paulinas, ano 1973, páginas 20. **CANTIGA DE LIBERTAÇÃO**, Pe. Zezinho, SCJ. Edições Paulinas, ano 1973, páginas 64. **CANTO DE ESPERANÇA**, Nereu de Castro Teixeira. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 56.

AS EMPRESAS E SUA ADMINISTRAÇÃO, Bertram M. Gross. Tradução do original inglês **Organizations and their Managing** de Nathanael Caixeiro. Co-edição Editora Vozes e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ano 1973. Páginas 700.

As empresas modernas se tornam cada vez mais importantes e cada vez menos fáceis de dirigir. Esta dificuldade pode levar mesmo à **ingovernabilidade**. Este livro essencial a professores e alunos de Administração (inclusive de Administração Pública e de Empresas tais como as Universidades), a Diretores e Gerentes, tenta falar com uma linguagem geral dos sistemas que ajudam na direção de empresas **reais**.

Especificamente, será muito útil ao tratar do problema cada vez mais complexo do processo decisório e do planejamento:

Como fazer uso das novas técnicas gerenciais sem ser esmagado pelas dificuldades que surgem, cada vez que se progride, ou pelos tabus nunca mencionados mas que freqüentemente atrapalham e impedem a ação do Administrador.

IGREJA E COMUNICAÇÃO SOCIAL.

Frei Romeu Dale, OP. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 548.

As Edições Paulinas reuniram neste alentado volume um conjunto de documentos básicos, quase que unicamente da Igreja Católica, a respeito dos Meios de Comunicação Social. E isto a partir da invenção da tipografia por Gutemberg, por volta de 1450.

Cada um dos documentos, raramente dois ou mais deles, quando formam um

só todo, é precedido de uma curta introdução. Nela se procurou apenas situar, na medida do possível, em tão pequeno espaço, o contexto histórico global e de Igreja em que surgiram.

De propósito, não se quis analisar nenhum deles, nem tampouco formular uma apreciação. Os documentos são publicados na íntegra, num período de cinco séculos para os textos pontifícios. Eles falam por si próprios.

A cada leitor cabe a tarefa de estudá-los com a atenção que merecem e retirar as suas próprias conclusões a respeito. **IGREJA E COMUNICAÇÃO SOCIAL** é o primeiro volume de uma nova coleção **Comunicação Social**, que as Edições Paulinas estão lançando.

LIVRES, M. J. André. Tradução do original francês **Libres** de Adalton Gomes Ferreira. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 196.

Liberdade foi sempre uma palavra mágica. Está na boca de todo mundo. Artigos, livros, filmes, peças teatrais têm falado e falam dela. Trata-se pois de uma exigência profundamente enraizada na própria natureza do homem, mas que esconde problemas agudos, tanto nos indivíduos como nas comunidades e povos.

Ora, podemos e devemos perguntar-nos: apesar das palavras sobre o assunto e dos esforços de libertação, somos mais livres do que as gerações que nos precederam? E ainda: uma vez que as reivindicações em nome da liberdade estão sempre mais em todas as bocas e em todas as atitudes, o que é que os jovens e os menos jovens também entendem por liberdade?

E enfim: quais são os direitos à liberdade humana, à liberdade religiosa? Mas antes de tudo, qual a exata noção de liberdade? Quais suas exigências e suas limitações?

O presente ensaio não tem a ambição de ensinar aos especialistas destas questões os aspectos filosóficos, sociológicos e espirituais da liberdade. Só quer contribuir para tirar as dúvidas e resolver as preocupações do leitor, especialmente jovem, desejoso de um pouco mais de esclarecimento.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

TERESA DE LISIEUX E A ALEGRIA DE CRER, Cardeal Garrone. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 272. **ONDE ESTÁ A VOSSA FÉ?** René Voillaume. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 304. **NAMORO, PROBLEMAS E EXPERIÊNCIAS**, Mariele e Pino Quartano. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 124. **UM LIVRO PARA O PAI**, Kurt Axmann. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 152. **AS CRIANÇAS PRECISAM DE BONS PAIS**, Ruth Dirx. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 292. **RELAÇÕES INTERPESSOAIS COM DEUS**, René Voillaume. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 224. **PSICOLOGIA DA FRATERNIDADE RELIGIOSA**, Rovílio Costa. Livraria Sulina Editora. Ano 1973. Páginas 64.

DIREITOS DO SEXO E DO MATRIMÔNIO, o valor positivo do corporal ou sexual, Thomas Roberts e outros. Tradução do original italiano **Diritti del Sesso e Matrimonio**, de B. Beni dos Santos. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 338.

Este livro tem uma missão precisa: apresentar, de maneira completa, sem nada, porém, perder na sua profundidade e precisão, tudo o que mudou na consciência e no julgamento dos católicos no tocante ao sexo e ao matrimônio. Certos pudores, que para outra coisa não serviram a não ser para criar uma educação vazia e um puritanismo hipócrita, felizmente já tiveram seu tempo. Na prática, porém, até quando continuaremos a falar ainda em "problemas sexuais", a chamar de "problemas" a um dado tão simples e concreto?

Sob muitos aspectos audaciosos, mas sempre sério, este livro pretende apenas levar avante certas conclusões de princípios existentes e aceitos, porém incompreendidos e muitas vezes rejeitados em suas conseqüências. Por exemplo, o valor positivo de tudo o que é corporal ou sexual.

Podemos nos alegrar de ver estudada e destruída por teólogos de renome a velha alternativa: relações conjugais intrinsecamente ligadas à fecundidade ou intrinsecamente imorais. Vejamos o que querem dizer o superado dilema amor-procriação no encontro livre e responsável dos sexos.

Eis os títulos dos capítulos e seus autores:

Thomas Roberts

A crise da doutrina diante da realidade de um problema humano.

Eduardo Schillebeeckx

Evolução e mudanças nas concepções cristãs do matrimônio.

Alfredo Hulsbosch

A antropologia atual e as relações conjugais.

Hermann e Lena Buelens

Fecundidade no amor. Para um superamento da tensão entre a realidade da vida e a doutrina.

Richard M. Fagley

As religiões diante do problema do controle dos nascimentos.

Theodoro Beemer

Problemática conjugal e controle dos nascimentos. O matrimônio é verdadeiramente uma "instituição imutável?"

Jan Grootaers

O concílio diante dos problemas do matrimônio e da família. O problema da

moral matrimonial em uma pesquisa da radiotelevisão holandesa.

Franz Bockle

O problema dos matrimônios mistos do ponto de vista teológico. Tradição e evolução da moral conjugal. Os documentos secretos da Pontifícia Comissão sobre a natalidade.

Enzo Franchini

O divórcio é um mal inevitável na sociedade opulenta. Indissolubilidade do matrimônio, um estudo de colaboração.

EROS E A REPRESSÃO, amor e vontade, Rollo May. Tradução do original inglês **Love and Will** de Áurea Brito Weissenberg. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 364.

Rollo May, psicoterapeuta ativo em Nova Iorque. Iniciou seus estudos psicoterápicos em Viena e completou seu doutorado e treinamento em psicoterapia na cidade de Nova Iorque. Além de sua atividade clínica, é membro da Faculdade **William Alanson White Institute of Psychiatry, Psychoanalysis and Psychology**. É também Presidente do Conselho de Psicólogos do Estado de Nova Iorque.

Como psicoterapeuta e profundo conhecedor da pessoa humana, Rollo May escreve com invulgar sensibilidade, simplicidade e acerto. Diz o que precisamos ouvir sobre a solidão e ansiedade do homem moderno, sobre a perda de certezas na atual sociedade em mutação. Sugere valores e metas, soluções talvez, que tragam coragem e liberdade.

Em **EROS E REPRESSÃO**, o autor faz uma profissão de fé:

— Foi sempre convicção minha a necessidade de procurar a realidade interior, confiante em que os resultados, os futuros bens, despontarão somente após terem sido semeados pelos valores de nossa história. Neste século XX de transição, quando nos defrontamos com o resultado final da queda de padrões espirituais, creio ser particularmente importante buscar as origens do amor e da vontade.

PASTORAL DE JUVENTUDE, Hélio Soares do Amaral. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 136.

Reflexões, experiências e temas de reuniões para movimentos de jovens.

Este livro contém a experiência de um educador que se tem dedicado ao estudo e à formação da juventude. Como diz o seu subtítulo, trata-se de reflexões, experiências, temas. Foi escrito diretamente para os dirigentes pastorais, abordando as definições, importância, metodologia e organização de uma autêntica, moderna e atualizada pastoral da juventude.

São estudadas as mais recentes e profundas crises dos jovens, as principais normas da Igreja e são apontados os mais válidos instrumentos de ação, bem como temas de reuniões e encontros. Uma última parte versa sobre o aproveitamento, no contexto da pastoral dos jovens, de letra e melodia de canções populares, todas recentes e de autores famosos, uma vez que a música popular tornou-se em nossos dias um dos mais valiosos meios de comunicação entre os jovens.

Bem escolhidas e bem explicadas, e isto o autor faz de maneira excelente, elas se tornam densas de sentido para as reuniões e encontros.

OUTROS LIVROS RECEBIDOS DA EDITORA VOZES: ● **ESFINGE**, Estrutura e Mistério do Homem, Pierre Well. Ano 1973. Páginas 212. É a tese de doutoramento do autor na Universidade de Paris. Um livro para estudiosos de Psicologia, para os que desejam conhecer o sentido e o lugar em suas vidas do boi, do leão, da águia e da serpente. ● **MOMENTOS DE ORAÇÃO**, compilação de Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM. ● **ORAÇÃO DA CAMINHADA**, segunda edição. ● **ESPELHO DE MUITAS FACES**, Roque Schneider, S.J. ● **MEDITAÇÕES SOBRE A FELICIDADE**, Jocy Rodrigues e do mesmo autor **MEDITANDO AS ORAÇÕES**. Estas cinco pequenas brochuras são da **Coleção Encontro** que se destina ao leitor simples, não afeito a temas de profundidade especulativa. São palavras que querem levar à meditação, em forma de breves reflexões. Querem levar a viver com mais otimismo e esperança, com mais sentido e alegria. Querem ajudar a colocar na vida materializante de cada dia a mensagem espiritual.

CAMINHOS DE LIBERTAÇÃO, Ruiz de Copegui, S.J. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 152.

Uma educação da fé que queira ser realista deverá levar em conta as situações concretas dos homens a quem se dirige. A libertação das opressões e marginalizações a que estão sujeitos muitos dos homens de nosso continente latino-americano é um tema inevitável na evangelização atual. Um tema

perigoso certamente sujeito a riscos e interpretações falsas.

Situar em seu exato lugar a relação entre a libertação que Deus promete em Cristo e as aspirações de libertação temporal, é uma tarefa urgente do educador da fé.

O autor pretende fazer isto neste livro, ao mesmo tempo que nos põe em contato não com uma história sobre a Igreja, mas com a Igreja viva, com suas luzes e suas sombras, a Igreja que deve ser amada por nós.

Sem concessões fáceis a ideologias ou partidos, mas, ao mesmo tempo, sem escapar para o campo de uma mística de evasão, o autor consegue abrir caminhos para uma realista vivência da fé, capaz de traduzir-se em uma **práxis** de transformação social.

Este livro é indispensável para a formação cristã dos jovens colegiais e universitários. Sua leitura será também de grande utilidade para todos os que trabalham na pastoral e para todos os cristãos que queiram aprofundar um tema de tanta atualidade e responsabilidade como é o tema da libertação.

OS CURSILHOS SE RENOVAM, Documentos do III Encontro Latino-Americano de Itaici, São Paulo, 21 de maio de 1973. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 256.

Sob a orientação do Secretariado Nacional dos Cursos de Cristandade no Brasil, as Edições Loyola estão lançando uma série de livros sobre o tema Cursos.

Ao primeiro livro IDEÁRIO, que mostra como os Cursos de Cristandade são um método que impulsiona um mo-

vimento tendente a vertebrar cristandade, segue, como segundo volume da mesma coleção. **OS CURSILHOS SE RENOVAM**, que oferece os trabalhos e conclusões do III Encontro Latino-americano de Itaici, São Paulo.

Uma vez mais cabe às Edições Loyola a enorme satisfação de colaborar com este movimento carismático da Igreja, na hora em que os Cursos já produziram copiosos frutos e se apresentam como um luminoso sinal de esperança. **OS CURSILHOS SE RENOVAM** como a Igreja também se renova. Tudo o que é terreno e humano está sujeito à mudança, admite crescimento e maior perfeição. Só Deus perfeitíssimo não muda.

As novas realidades, a doutrina do Concílio Vaticano II, as novas experiências em nível mundial, as críticas de amigos e inimigos, as crises e, principalmente, a ação da graça do Espírito Santo, estão sempre a lembrar à Igreja e ao movimento dos Cursos na Igreja, de que ainda não atingiram o fim e de que ainda não são perfeitos, e que, por isso, só fica uma opção: esquecendo o que fica para trás, correr com todo o ser para frente, com a meta ante os olhos.

O grande objetivo do III Encontro Latino-americano de Itaici, São Paulo, foi encontrar os pontos de união entre o agir dos diversos participantes. Uma busca da unidade. Tanto em termos do ser dos Cursos como no de atuar. E com este objetivo, com esta grande finalidade, se iniciou o III Encontro, dia 21 de maio de 1973.

Num ambiente de grande esperança, de muita fé e intensa caridade, reuniram-se todos os delegados, inclusive

dos Estados Unidos, como havia sido determinado em Lima, para buscar esta linha de unidade, dentro do evidente pluralismo das particularidades regionais. Argentina, Bolívia, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela e Brasil e um representante do Secretariado Geral da Espanha, eram os países que até o final se dedicariam de maneira intensa todos os esforços para se conseguir atingir os objetivos colimados.

TEORIA GERAL DOS SISTEMAS,

Ludwig von Bertalanffy. Tradução do original inglês **General System Theory** de Francisco M. Guimarães. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 352.

Ludwig von Bertalanffy é professor na Universidade de Alberta, Edmonton, Canadá.

Obra fundamental para todos os que precisam aprofundar os estudos da "ciência dos sistemas". O autor é reconhecido no mundo inteiro e sem discussão, como pioneiro em defender a visão organística na biologia e o papel da simbologia na interpretação da experiência humana. Sobretudo é aceito como um dos fundadores da Teoria Geral dos Sistemas.

Neste livro Ludwig von Bertalanffy pretende oferecer ao estudioso (aluno, mestre ou profissional) da Ciência dos Sistemas uma visão panorâmica de uma criação que indubitavelmente caracteriza o mundo atual e é de máxima importância para a nossa época. Ninguém melhor do que ele, para expor a história da Teoria dos Sistemas, o significado de seu conceito, suas principais aplicações, que chegam a ser uma reorien-

Evidentemente não é possível transmitir num livro tudo o que se passou no Encontro. Mas acreditamos que estão espelhados fielmente nas Conclusões e nos Postulados, a profundidade dos temas e a seriedade com que se trabalhou. A íntegra dos trabalhos é certamente muito mais rica. Aconselhamos os que têm responsabilidade no Movimento dos Cursos não só a uma análise fria das conclusões finais mas sobretudo a procurarem no texto completo dos trabalhos, as razões das conclusões e dos postulados.

tação necessária da ciência em geral e em toda a escala de disciplinas que vão da física e da biologia às ciências sociais, comportamentais e à própria filosofia.

Livro indispensável também aos estudiosos da Epistemologia e a todos os que pretendem, seja qual for a sua especialidade, reorientar os seus conhecimentos científicos.

experiência e assinalar pistas para que elas sejam, de verdade, manifestações da misteriosa atividade do Espírito de Deus.

I — OBSERVAÇÕES SOBRE A DINÂMICA COMUNITÁRIA CRISTÃ HOJE

O processo de socialização, nestas últimas décadas, intensificou-se sobremaneira. Em 1961, na Encíclica **Mater et Magistra**, João XXIII sublinhava a amplitude, as vantagens e a ambiguidade do fenômeno, pois a socialização não gera automaticamente relacionamentos mais humanos e felizes entre pessoas. Suscita igualmente conglomerados, onde a vida, não raramente, é infernal.

Em reação contra tal situação, formam-se grupos de toda espécie, aos quais Paulo VI aludiu no seu discurso aos Bispos da Itália:

“Hoje em dia, somos testemunhas de um fenômeno de geração espontânea de associações, em alguns setores do Povo de Deus. O temor de que, sob pretextos carismáticos, estas associações sejam fechadas e, às vezes, contestatórias, não nos deve impedir de manifestar uma atenta solicitude a respeito desses grupos, com frequência capazes de intensa espiritualidade e de iniciativas de caridade fervorosa. A Igreja é a família dos cristãos que, como os dos primeiros tempos depois de Pentecostes, querem formar um só coração e uma só alma” (3).

O Papa, portanto, sublinha o aspecto positivo da existência e a atuação destes grupos, em vista da consecução do ideal cristão de fraternidade.

Por que hoje em dia os grupos se multiplicam? Os homens, parece, agiram como os companheiros de Ulisses, diante da caixa de Pandora: libertaram todos os ventos e, assim, tornaram complexo e dificultoso seu caminhar juntos, num rumo construtivo.

As estupendas descobertas trazem, ao mesmo tempo, exaltação e reboço. As sociedades perdem sua solidariedade natural e isso gera, nas pessoas, muita insegurança, pois elas procuram formar grupos de amparo, para enfrentar a nova situação.

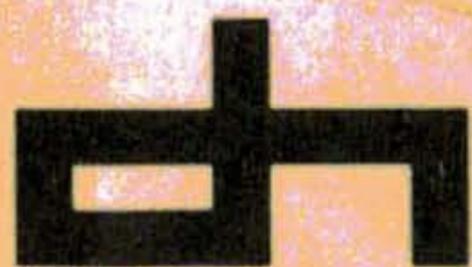
De outro lado, a tomada de consciência do seu poder, cria no homem pela primeira vez, a convicção de que ele pode influir no curso da história e, mesmo, construí-la (4).

Pode-se dizer que, seja em atitude de defesa — a união dos naufragos — seja em vista do progresso, os homens se solidarizam. É neste **substratum** psico-social que se insere a dinâmica da fé.

Assim, em todos os continentes, notamos uma verdadeira exploração de movimentos comunitários cristãos. Citamos, à título de exemplo, as **Jamas** da África, os **Focolari** no mundo inteiro, a **Sociedade dos Irmãos** nos EUA, a **Comunidade Ecumênica** de Taizé, os **Foyers de Charité** (lares de caridade), **l'Arche**, de Lanza del Vasto, a **cidade co-**

O MELHOR QUE SE PODE FAZER PELO BRASIL É CRESCER COM ELE.

O Banco Denasa tem crescido com este país. Ajudando-o a crescer. No momento em que você le este anúncio, pode haver um especialista do Banco Denasa orientando um investimento. Processando financiamentos mais rápidos. Procurando dar maior rendimento às aplicações de pessoas como você. É a nossa maneira de semear progresso e desenvolvimento. Fazendo crescer indivíduos. Empresas. E mesmo uma nação.



BANCO DENASA
de investimento s.a.

dirigido por nomes que você conhece

Presidente do Conselho de Administração
Juscelino Kubitschek

BRASÍLIA - RIO - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE